

ODEBRECHT

Nº 140 ANO XXXVI JAN/FEV 2009

INFORMA

METRÔ DE LOS TEQUES A VENEZUELA INVESTE EM SUA INFRA-ESTRUTURA DE TRANSPORTES

PETROBRAS: OITO UNIDADES
EM CONSTRUÇÃO NA REPAR

BRASKEM REALIZA MEGAOPERAÇÃO
DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS

SALVADOR VAI RECEBER SEU
SEGUNDO EMISSÁRIO SUBMARINO

[TEO] Tecnologia Empresarial Odebrecht

“Tudo o que construímos até o presente só mantém seu valor se – e enquanto – estiver comprometido com a construção do futuro. Futuro que precisamos visualizar, a partir da adequada identificação das tendências com relação às quais devemos interagir, de maneira proativa, ou seja, antecipando-nos aos efeitos e alterando-os, sempre que necessário, para que sirvam aos nossos propósitos e ao rumo estabelecido por nossos Acionistas”.

Caro leitor,

No início de 2008, havia uma atmosfera de insegurança emitindo sinais de que uma turbulência viria. E veio mesmo, terminando por gerar, no segundo semestre do ano, um abalo global. Nesse ambiente de temores e incertezas, a Braskem obteve êxito em duas operações de financiamento para alongar o empréstimo de US\$ 1.2 bilhão tomado no ano anterior para a aquisição dos ativos petroquímicos do Grupo Ipiranga. Conseguiu isso por contar com a confiança de investidores e grandes bancos internacionais e brasileiros, conhecedores da história da empresa. As duas negociações receberam o prêmio Deal of the Year da revista *Latin Finance*.

A equipe financeira da Braskem viu seu trabalho ser recompensado e reconhecido porque, desde o início, tinha a certeza de que momentos difíceis são superados com ousadia, competência e credibilidade. Este é o pensamento não apenas na Braskem, mas em toda a Odebrecht. É assim que ela busca crescer em meio a uma nova realidade que, de forma cada vez menos previsível, surge nos países, com reflexos em todo o mundo. O objetivo da Organização é servir cada vez mais e melhor a seus clientes, onde eles estiverem, seja qual for a sua necessidade. Clientes como a Petrobras, que, neste momento, empreende um amplo projeto de modernização e ampliação da capacidade produtiva da Refinaria Presidente Getúlio Vargas, no Paraná. Oito unidades industriais estão sendo construídas de maneira simultânea. A Petrobras faz o que o Brasil precisa que seja feito, e a Odebrecht, com orgulho, participa desse esforço.

Colocando à disposição sua capacitação, sua experiência e seu espírito de servir, as empresas prestadoras de serviços de engenharia e construção têm a crucial missão de colaborar com os países em suas iniciativas de desenvolvimento. Na Venezuela, as equipes da Odebrecht fazem isso ao participar das obras de implantação do sistema de metrô de Los Teques, na populosa região dos Altos Mirandinos. A Linha 1, inaugurada em novembro, simboliza a determinação venezuelana de aprimorar sua infra-estrutura de transporte de massa. A Linha 2, em execução, reafirma esse intuito.

Neste começo de 2009, a economia global ainda vive um clima de oscilação e insegurança. Mas os países continuam precisando crescer, porque os seres humanos que os habitam e constroem têm sonhos a realizar, têm suas vidas para viver. E enquanto houver pessoas dedicadas a fazer esses sonhos se tornarem realidade, a vida no planeta seguirá se impondo com sua força e seu fascínio.

Odebrecht Informa deseja a todos os seus leitores um feliz 2009.

“Meu pai ensinou a mim e a meus irmãos que trabalhar é a missão do homem na terra, e que o conhecimento é o único tesouro que você pode compartilhar com outras pessoas sem que isso signifique ficar mais pobre.”

José Henrique Steckelberg (OI-139) – 2008



“A convivência com o cliente, com os consorciados, com as inúmeras empresas subcontratadas, com os usuários e com a comunidade de um modo geral foi uma oportunidade de exercitar a Tecnologia Empresarial Odebrecht, obtendo-se a satisfação do cliente no sentido amplo.”

Carlos Fernando Anastácio (OI-38) – 1986

“Um país – organismo vivo – é tão forte quanto forem suas micro, pequenas e grandes empresas. As empresas e uma organização de empresas serão tão produtivas quanto o forem os conhecimentos, a competência e as habilidades dos seres humanos que as integram.”

Norberto Odebrecht (OI-87) – 1998

“Todo projeto precisa ter coerência em sua administração e isso se obtém por meio de uma empresa gerenciadora, que absorve o conceito da contratante e garante sua realização. Assim o trabalho flui com mais qualidade e produtividade.”

Antonio Pires (OI-103) – 2002

“Acreditamos que é perfeitamente possível conjugar produtividade e preservação ambiental sem elevar os custos do empreendimento, desde que a questão ambiental seja incluída no planejamento da obra e passe a fazer parte do Programa de Ação de cada um dos envolvidos.”

Wolney Longhini (OI-78) – 1996

“Exportamos inteligência e, ao mesmo tempo, levamos a cultura brasileira para os países em que atuamos. Como nossas obras são de longa duração, acabamos estabelecendo uma integração entre os povos. Essa capacidade de interação é um diferencial brasileiro, uma competência resultante do fato de o país ter um povo mestiço.”

Roberto Dias (OI-112) – 2004

REFLEXÕES DE INTEGRANTES, EX-INTEGRANTES, PARCEIROS E CLIENTES DA ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT, REGISTRADAS EM REPORTAGENS DE ODEBRECHT INFORMA.

>> Veja em odebrechtonline.com.br <<

- > VÍDEO: Entrevista com Benedicto Jr., Vice-Presidente de Infra-estrutura no Brasil da CNO
- > EDIÇÃO IMPRESSA: Leia a íntegra da edição nº 140 (janeiro/fevereiro de 2009)
- > EDIÇÕES ANTERIORES E EDIÇÕES ESPECIAIS: Arquivos em PDF e online desde a edição nº 113 (maio/junho de 2004)
- > SITES ESPECIAIS: Acesse arquivos do Relatório Anual da Odebrecht S.A. desde 2002, da Reunião Anual da Organização Odebrecht desde 2002 e de publicações especiais (60 anos da Organização Odebrecht, 40 anos da Fundação Odebrecht e 10 anos da Odeprev)
- > PARCEIRO-REPÓRTER: Consulte as orientações e mande um vídeo sobre seu negócio
- > Nos meses de novembro e dezembro de 2008 o site da *Odebrecht Informa Online* recebeu 51.044 visitas. Fonte: Locaweb

RESPONSÁVEL POR COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL NA ODEBRECHT S.A.
Márcio Polidoro

RESPONSÁVEL POR PROGRAMAS EDITORIAIS NA ODEBRECHT S.A.
Karolina Gutiez

COORDENADORES NAS ÁREAS DE NEGÓCIOS
Marco Antônio Antunes Pereira
ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO E INVESTIMENTOS EM INFRA-ESTRUTURA

Nelson Letaif
QUÍMICA E PETROQUÍMICA

Miucha Andrade
AÇÚCAR E ETANOL

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Versal Editores

EDITOR
José Enrique Barreiro

EDITOR EXECUTIVO
Cláudio Lovato Filho

EDITORA DE FOTOGRAFIA
Holanda Cavalcanti

ARTE | PRODUÇÃO GRÁFICA
Rogério Nunes

INFOGRAFIA
Adilson Secco

PRÉ-IMPRESSÃO | IMPRESSÃO
Pancrom

Editada também em inglês e espanhol. Publicação para divulgação interna da Organização Odebrecht. Editada pela Odebrecht S.A. Tiragem: 19.300 exemplares

REDAÇÃO
Rio de Janeiro:
(21) 2239-1778 e 2239-4023
São Paulo:
(11) 3030-9466 e 3030-9467

versal@versal.com.br

Agradecemos a todos que colaboraram para a realização desta edição



NOSSA CAPA



- 2 PENSAMENTOS
- 15 PERFIL
- 26 ENTREVISTA
- 36 ÚLTIMA GERAÇÃO
- 45 REGISTRO

- 4 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS
Na Bahia, dois condomínios, o Vale do Loire e o Quintas de Sauípe, são entregues aos clientes

- 8 SANEAMENTO
Construção do segundo emissário submarino de Salvador tem como destaques a inovação tecnológica e os cuidados ambientais

- 12 ESPORTE
No Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, Braskem reafirma seu compromisso com a sustentabilidade ambiental

- 16 FINANÇAS
Apesar das turbulências na economia global, Braskem realiza com êxito uma complexa operação de captação de recursos

- 20 INDÚSTRIA
Refinaria Presidente Getúlio Vargas, no Paraná, passa por obras de modernização e de ampliação de sua capacidade produtiva

- 30 VENEZUELA
Conclusão da Linha 1 do Metrô de Los Teques torna mais fácil a vida dos moradores da região dos Altos Mirandinos

- 38 CULTURA
Feira do Livro de Porto Alegre, o maior evento literário ao ar livre da América Latina, chega à 54ª edição

- 40 Lançado livro que traz a reedição do primeiro registro histórico do período colonial brasileiro

- 42 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
Inaugurado o Núcleo de Estudos e Práticas em Governança Participativa e Desenvolvimento Comunitário

Execução de túnel da Linha 2 do Metrô de Los Teques, na Venezuela.
Foto de Eduardo Barcellos

Um lugar para viver o sonho

Projetos realizados em harmonia com o meio ambiente, os condomínios Vale do Loire, com 108 apartamentos, e Quintas de Sauípe, com 163 casas, são entregues aos clientes

TEXTO Fabiana Cabral

FOTOS Adriano Ribeiro

[Vale do Loire, em Salvador: duas torres que reproduzem o estilo neoclássico francês]



“QUANDO CONHECI O VALE DO LOIRE, FIQUEI ENCANTADO com toda a infra-estrutura. Aqui em Salvador não existe nada parecido!” O dermatologista e especialista em estética Osmilton Souto Brandão mostra, animado, o novo lar de sua família. Casado com a administradora de empresas Lúcia Helena e pai de Vitor, de 6 anos, e Vitória, de 3, ele afirma que a localização, a infra-estrutura e a qualidade de vida foram pontos essenciais para sua decisão de trocar o apartamento no Corredor da Vitória pelo novo condomínio da Odebrecht Empreendimentos Imobiliários (OEI) no bairro Horto Florestal. “Sei que será muito bom para meus filhos crescerem aqui. Ficarei mais em casa no fim de semana e vou curtir mais minha família”, diz o médico.

Em 2 de outubro de 2008, às 20 horas, a OEI entregou a seus clientes o condomínio Vale do Loire. Inspirado nos castelos da região de mesmo nome, na França, as duas torres residenciais, Château Amboise e Château Cheverny, reproduzem o conceito neoclássico francês, em um projeto arquitetônico desenvolvido por Antônio Caramelo.

São 108 apartamentos com quatro suítes, distribuídos em 27 pavimentos, sendo o último com coberturas Top House. “O conceito Top House nada mais é do que a inversão da cobertura tradicional, de quartos no piso inferior e área de piscina no piso superior. É como colocar uma casa no topo de um prédio”, explica Eduardo Pedreira, Responsável por Incorporação da OEI na Bahia.

“A OEI torna o desejo do cliente realidade sem deixar de levar em conta a otimização do projeto. Vendemos o sonho para o coletivo. O Vale do Loire parece um *resort* como primeira moradia”, afirma com orgulho Djean Cruz, Diretor da OEI Bahia.

Em 54.470 m² de área construída, o condomínio tem dois *playgrounds* cobertos, quatro salões de festa, duas piscinas (uma delas com raias de 25 m), casa de eventos com salão de recepção, salão de jogos com mesas para bilhar e cartas, *lan house* e sala de vídeo e cinema com 18 lugares, saunas seca e úmida, salas de massagem, academia, sala de descanso, duas quadras de tênis, quadra de futebol *society*, quadra de *squash*, espaço *gourmet*, espaço para ioga e pista para caminhada e corrida.

FOLHEANDO UMA REVISTA

Djean Cruz conta que a idéia de retratar a região francesa surgiu em um momento de descontração, quan-



[Osmilton Brandão:
"Vou curtir mais
minha família"]

do a equipe folheava uma revista durante uma reunião. “A partir dessa sugestão, fizemos uma pesquisa com clientes que gostaríamos de atingir. Muitos já tinham visitado o local, sempre em uma comemoração festiva, ou seja, o Vale do Loire refletia alegria e prazer.” Eduardo Pedreira assinala: “A concepção de um projeto é a soma da criação de expectativas e do desafio de superá-las. Tivemos muita intuição para detectar as necessidades dos clientes. Foi imprescindível sonhar além dos padrões do mercado”, acrescenta.

Durante dois anos e meio, 800 integrantes trabalharam em ritmo acelerado na obra. Os detalhes de arquitetura exigiram cuidados especiais. De acordo com André Basto, Responsável por Construção, um dos maiores desafios foi realizar o acabamento das edificações com pastilhas de porcelana, pouco flexíveis e muito utilizadas para revestimento em Salvador. “Ao contrário de São Paulo, onde se usa textura e pintura, em Salvador o trabalho é feito com pastilhas devido à salinidade e umidade da cidade.”

A escolha do PVC para portas e janelas das varandas também levou em conta a umidade do ar e a salinidade. “Isso é um diferencial em construção de luxo”, reforça André. Ele explica que a opção de trocar o alumínio pelo PVC já está difundida em casas de alto padrão em outros estados do país, mas em edifícios de luxo o material não era muito empregado.

O controle da personalização dos apartamentos foi outro desafio para a equipe de construção do Vale do Loire. Oitenta por cento deles foram modificados, e para atender a toda a demanda sem comprometer o cronograma da obra uma equipe especial, formada por engenheiros e arquitetos, encarregou-se do atendimento aos proprietários.

Boulevard Side: pagamento conforme o uso

O Residencial Boulevard Side, em Salvador, lançado em julho de 2008, contará com a marca Mercure e terá um conceito flat service. Em 14 de novembro, a Odebrecht Empreendimentos Imobiliários anunciou parceria com a Accor Brasil para administrar o empreendimento da Avenida Tancredo Neves.

Os proprietários dos 324 apartamentos, de um e dois quartos e lofts, poderão optar por serviços como recepção 24 horas, limpeza e arrumação, segurança e manobristas. “Com esta parceria, o proprietário utiliza os serviços de flat conforme sua necessidade e paga de acordo com o uso”, explica Franklin Mira, Responsável por Marketing e Vendas na OEI Bahia. A Accor também administrará o serviço de long stay, uma opção de locação superior a seis meses no sistema de flat.

Após o anúncio da parceria, investidores intensificaram a procura e as vendas aumentaram. “Isso é um diferencial e agrega mais valor ao empreendimento”, ressalta Franklin. O Residencial Boulevard Side tem entrega prevista para abril de 2012 e integra um complexo que possui ainda um edifício comercial.



[Mylena e Humberto: instalações e serviços atraíram o casal para o Quintas de Sauípe]

As ações de proteção do meio ambiente durante as obras incluíram tratamento de pragas e plantio de árvores. “Não cortamos o terreno para não matar espécies da flora. A infra-estrutura se harmoniza à vegetação original da área”, explica Djean Cruz. A energia solar é utilizada para aquecer a água. As placas solares foram fornecidas pela Coelba (concessionária do serviço de fornecimento de energia na Bahia), e a equipe da OEI adaptou o telhado dos edifícios para receber o material.

O sucesso do Vale do Loire reflete um processo crescente de qualidade conquistado pela empresa, sobretudo por meio do retorno dos clientes. “Incorporação imobiliária tem muitas derivações, das exigências do consumidor ao diferencial que a credibilidade da nossa marca representa”, resume Djean Cruz.

SEGUNDA MORADIA

A sensibilidade e o conhecimento de mercado que a equipe da OEI possui também podem ser percebidas no Quintas de Sauípe, entregue em 25 de outubro de 2008. O condomínio fechado de 466 mil m² em Sauípe, na Bahia, é cercado pela Grande Laguna, que dá acesso à praia e tem natureza por todos os lados.

Batizado em homenagem à quantidade de clientes portugueses de Casas de Sauípe (o primeiro condomínio da região construído pela OEI), o projeto foi executado em uma Área de Proteção Ambiental (APA). Segundo Eduardo Pedreira, a legislação permite ocupação de 30% da APA, mas o empreendimento foi realizado em apenas 15% desse território.

Atrás das 163 casas, de quatro suítes e piscina, foram criadas alamedas verdes com pistas para carros de golfe. As habitações não têm muros: cercas vivas separam os lotes e permitem a integração dos condôminos. “Atualmente, a segunda moradia (residências de férias e fins de semana) apresenta um apelo diferente. É preciso ter, além do espaço, serviços atrelados ao produto. Não existe quem não deseje estar em



Sauípe, com a vila, o clube, a laguna e o mar”, afirma Djean Cruz.

A existência de instalações e serviços como clube com restaurante, salão de jogos e delicatessen, quadras de tênis, de *squash* e poliesportiva, campo de futebol *society*, parques infantis, *spa* e academia de ginástica e musculação, campo de minigolfe e píeres para esportes náuticos foi primordial para que Humberto Teixeira e Mylena Araújo, casados há 15 anos, escolhessem o Quintas de Sauípe para o primeiro investimento em moradia de veraneio. “Ficamos surpreendidos com o clube. Imaginávamos muitas opções, mas quando tudo vira realidade se torna maior”, diz Humberto. “Pensamos num local onde pudéssemos reunir a família, com opções de lazer e descanso, e próximo a Salvador”, comenta Mylena.

Síndica, ela ajudou na contratação da administradora do condomínio e trabalha na implantação de serviços de *pay-per-use* (em que os moradores pagam pelos serviços



que utilizarem), que caracterizarão a locação das instalações comuns. “Vamos ter um calendário de eventos em 2009 para integração dos moradores”, informa Mylena, animada. ◉

Demandas da cidade que cresce

Segundo emissário submarino de Salvador vai beneficiar 1,9 milhão de pessoas

TEXTO **Leonardo Maia** FOTOS **Holanda Cavalcanti**

JÁ SE PASSARAM 33 ANOS DESDE QUE A ODEBRECHT construiu o primeiro emissário submarino de Salvador, no bairro do Rio Vermelho. Hoje, com o crescimento da cidade, a estrutura está operando no limite de sua capacidade. Faz-se então necessária a implantação de um novo emissário no bairro da Boca do Rio, mais próximo da região de maior crescimento na capital baiana, nas proximidades da Avenida Paralela. Com o contrato do Sistema de Disposição Oceânica do Jaguaribe (SDO do Jaguaribe), firmado entre a Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa) e a Concessionária Jaguaribe S.A. (formada pela Odebrecht Investimentos em Infra-estrutura e a Construtora Norberto Odebrecht), cerca de 1,9 milhão de pessoas serão beneficiadas. O esgoto tratado passará dos atuais 76% para 88% já em 2010, e a meta é alcançar 96% em 2012, um número expressivo entre as capitais brasileiras.

O projeto, iniciado no fim de maio de 2008, inclui a execução de um emissário terrestre em túnel, revestido de concreto, com 1.300 m de comprimento, e um emissário submarino de 3.600 m, dos quais 3.200 m são de tubos de polietileno de alta densidade (PEAD) e o restante em túnel. Serão realizadas também a ampliação da Estação Elevatória de Esgoto do Saboeiro e a construção da Estação de Condicionamento Prévio (ECP) e da linha de recalque que ligará as duas, a qual permitirá que parte do esgoto enviado hoje ao emissário do Rio Vermelho seja desviado para Jaguaribe. Projetada de modo a processar até 5,9 m³/s de efluentes, a ECP começará a operar processando cerca de 3 m³/s. Isso porque, em 2009, a Embasa planeja abrir uma nova licitação para os projetos do interceptor da Paralela e do esgotamento sanitário de Lauro de Freitas, que permitirá a ligação desta cidade da região metropolitana de Salvador com o SDO do Jaguaribe. Só depois disso, a ECP chegará perto de sua capacidade máxima de processamento.

“O emissário do Rio Vermelho já não atende mais toda a Salvador. Com a aprovação do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, a cidade vai se deslocar para a região da



Paralela, que já conta com muitos empreendimentos. É um projeto importante para Salvador e, como a Odebrecht está abrindo uma área específica de Saneamento, esse contrato vem coroar essa iniciativa”, observa Raul Ribeiro, Diretor da Concessionária Jaguaribe, ressaltando que, quando estiver pronto, o SDO do Jaguaribe será operado pela recém-criada Odebrecht Engenharia Ambiental (OEA).

Abelardo de Oliveira, Presidente da Embasa, enfatiza a importância desse novo empreendimento: “Estamos nos esforçando para universalizar o atendimento, melhorando a saúde e a qualidade de vida dos cidadãos e contribuindo para a recuperação do meio ambiente, principalmente da água dos nossos rios. Além disso, a implantação do novo emissário é necessária por uma questão de segurança operacional, pois absorverá parte dos efluentes hoje destinados ao emissário do Rio Vermelho”, afirma.

Quando lançada, em junho de 2006, a licitação ficou marcada por ter sido a primeira de uma Parceria Público-Privada (PPP) na área de saneamento no país. A assinatura do contrato de concessão, porém, só ocorreu em 27 de dezem-



[Novos tempos: dos 3.600 m do emissário submarino, 3.200 m serão de tubos de polietileno de alta densidade]

bro do mesmo ano, quando a PPP de Rio Claro (SP), também um contrato da Odebrecht, já havia sido firmada. Desde então, a iniciativa privada vem investindo pesado na área de saneamento, o que explica a criação da Odebrecht Engenharia Ambiental, em 2007. Com o modelo das PPPs, a carência do Brasil na área de água e esgoto deve ser diminuída.

“A filosofia da parceria é interessante, como mais uma alternativa de financiamento para a construção de obras e operação de serviços de saneamento básico, sobretudo para tratamento e disposição final de esgotamento sanitário”, ressalta Abelardo de Oliveira. A parceria permite que a OEA opere o SDO do Jaguaribe por 15 anos, com repasses mensais da Embasa no valor de R\$ 3,385 milhões, parte deste recurso utilizado para amortizar o financiamento da Caixa Econômica Federal.

TECNOLOGIA DE PONTA

A principal preocupação da Concessionária Jaguaribe na elaboração do projeto do novo Emissário Submarino de Salvador foi a de não afetar a comunidade próxima à obra.

Para isso, desenvolveu-se uma técnica especial de execução em túnel, que praticamente não é percebida pela população. Tudo é feito com a utilização do *pipejacking*, equipamento de corte semelhante à máquina de escavação *shield* (o megatatução) utilizada pela Odebrecht na obra do Metrô de São Paulo, só que em menor escala. A única intervenção direta em todo o percurso do emissário terrestre é a abertura de quatro poços, que funcionam como porta de entrada do *pipejacking*, além de permitirem eventuais inspeções e manutenções. O equipamento, fabricado na Alemanha, só é retirado a 400 m da praia, após a zona de arrebentação, quando os tubos de concreto são acoplados aos tubos de PEAD, utilizando-se para esse encaixe uma peça chamada carretel.

O projeto construtivo priorizou o conforto dos que circulam pela Avenida Jorge Amado (sob a qual passa o emissário terrestre) e também evitou a implantação de um canteiro industrial na praia, com um píer metálico sobre o mar e uma ponte provisória de 400 m de comprimento, que podiam trazer impacto ambiental à Praia dos Artistas, onde passa o emissário.

Além da inovação tecnológica, a Concessionária buscou sempre proporcionar completa segurança a todos os envolvidos no trabalho. “No Programa de Ação da equipe deste contrato, a segurança está em primeiro lugar, seguida dos cuidados com qualidade, preservação do meio ambiente e relação com a comunidade. Não se deve subestimar os riscos de uma obra, ainda mais essa, que tem uma série de serviços no mar. No que tange à qualidade, buscamos o máximo com técnicas construtivas de ponta, a fim de que essa obra passe a ser uma referência para o mercado”, explica Délio Galvão, o primeiro Diretor de Contrato da obra, substituído por Roberto Santos em novembro de 2008.

“Pelo mundo, se usa muito o *pipe-jacking* em obras deste tipo. Aqui no Brasil, ele está sendo usado também no emissário de Praia Grande (outro contrato da Odebrecht). Mas nosso equipamento é único no Brasil, porque é feito para solo misto, com rocha e areia”, esclarece Jorge Ocke, Responsável por Construção. A partir do ponto em que o *pipe-jacking* será retirado, a 400 m da costa, serão afundados os quatro tramos de 800 m soldados no Estaleiro de Mapele, na Baía de Aratu. A operação é de alta complexidade, pois os tubos de PEAD são os maiores em diâmetro já utilizados no Brasil. Para chegar até o ponto da praia onde o emissário desemboca, esses tramos serão levados pelo mar, num percurso de 42 km.

“O afundamento da tubulação deve ser feito com mar tranqüilo. Nosso maior desafio é vencer a zona de arrebentação, e as correntes laterais são as nossas maiores inimigas.

A retirada do *pipe-jacking* da água é outra operação delicada. Esta é uma das primeiras vezes em que isso é feito no Brasil. Contamos com o conhecimento e a eficiência de nossa equipe e trouxemos profissionais da Alemanha para a operação do equipamento”, informa Roberto Santos, que participou de outras duas obras de emissários da Odebrecht, uma em Maceió e outra em Camaçari (BA), esta da empresa Cetrel. O período escolhido para o início do processo de afundamento, entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009, é o ideal pelas condições das marés e simboliza o pico das obras, com cerca de 500 integrantes mobilizados.

Quando o emissário estiver pronto, o que deverá ocorrer em 30 de março de 2010 (dois meses antes do previsto em contrato), serão lançados no mar os efluentes que já passaram pela Estação de Condicionamento Prévio, onde é feita a retirada do material sólido. A cerca de 3.600 m do litoral e a 45 m de profundidade, o líquido orgânico se dilui na imensidão do mar. O ponto escolhido para a liberação dos efluentes foi exaustivamente estudado, levando em conta o comportamento das correntes marítimas da região.

A busca bem-sucedida pela melhor solução construtiva colaborou para um relacionamento harmonioso com o cliente. “A Odebrecht executa suas obras usando as tecnologias mais atuais. Seu modelo de gestão e a experiência adquirida no Brasil e em outros países também são aspectos importantes. Nosso relacionamento tem atingido as expectativas. Acompanhamos as obras e os trabalhos ambientais e sociais, que vêm sendo desenvolvidos a contento”, enfatiza o Presidente da Embasa, Abelardo de Oliveira.



[Um dos poços usados como porta de entrada do "pipe-jacking": a única intervenção direta em todo o percurso do emissário terrestre]

[Crianças da comunidade do Bate Facho: informação e integração]



Programas protegem a água, a terra e o ar

Entre as condicionantes da Licença Ambiental expedida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para o SDO do Jaguaribe está o Plano Básico Ambiental, formado por 15 programas, todos atendidos pela Concessionária Jaguaribe e acompanhados de seis em seis meses por meio de relatórios. Fazem parte das exigências o monitoramento da fauna local, da qualidade do ar, da água e dos sedimentos, além da realização de programas de compensação e gestão ambiental e recuperação de áreas degradadas. Para as ações que envolvem as comunidades, como as de educação ambiental e comunicação social, a Concessionária Jaguaribe contratou a assistente social Sonia de Faria. Ela é responsável por manter a comunidade informada e pelo atendimento de eventuais demandas.

Uma das comunidades mais próximas do canteiro central da obra é a do Bate Facho. “É uma área carente, com grande número de desempregados. Procuramos associações de moradores, líderes locais, escolas estaduais e instituições religiosas dessa e de outras comunidades, além dos comerciantes da Avenida Jorge Amado. Todos foram muito receptivos. Estamos em contato direto também com os pescadores, barraqueiros e banhistas da Praia dos Artistas, para sanar qualquer impacto ou transtorno que a obra possa causar”, relata Sonia.

São exemplos de ações realizadas pela Concessionária Jaguaribe: palestras sobre a execução da obra; distribuição de panfletos informativos; parceria com o Programa de Educação Ambiental Ecoestações, na sede da Odebrecht, em Salvador; e contratação de serviços terceirizados, como a encomenda de tou-

cas árabes, utensílios confeccionados por costureiras do Bate Facho e utilizados pelos trabalhadores do emissário para se protegerem do sol forte.

“Esse trabalho é bom para nós, pois traz a informação para cá e torna a comunidade conhecida também. Tenho um afilhado que está trabalhando na obra do emissário. É o primeiro emprego dele, está muito feliz porque recebe o dinheiro certinho todo mês. O jovem precisa de uma oportunidade para não cair no mundo das drogas e da prostituição”, argumenta Cremilda Anunciação, Presidente da Associação de Moradores do Bate Facho.

Outro destaque do trabalho de aproximação com a comunidade é o Curso de Educação Ambiental em Saneamento, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Dividido em 10 módulos e com carga de 120 horas, o curso é voltado para professores de rede pública da região e para líderes da comunidade.

“O principal objetivo do programa de educação ambiental é formar multiplicadores nos espaços formais, como as escolas, e nos não-formais, como a comunidade. São discutidos assuntos como fundamentos da ecologia, recursos hídricos e saneamento, água e doenças, impactos ambientais e novas tecnologias”, explica Sonia. Maria de Jesus, Agente de Saúde do Bate Facho, é uma das participantes: “Estou com uma grande expectativa de aprender cada vez mais e passar tudo para a comunidade. Visitei a sede da Odebrecht duas vezes e escutei sobre o trabalho de Norberto Odebrecht. Percebi que a Odebrecht é uma empresa que vai nos ajudar, tem um lado humano muito forte”. ◉

Compromisso reafirmado e pé no acelerador

Uma das patrocinadoras do Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, Braskem entrega aos vencedores troféus produzidos com plástico verde

TEXTO **Eliana Simonetti** FOTOS **Fernando Maia/ Agência O Globo**

A TECNOLOGIA A SERVIÇO DA VELOCIDADE. OS CARROS da Fórmula 1 alcançam mais de 350 km/h e, apenas nos volantes, há 500 sensores e botões de comando. As equipes das escuderias trocam pneus e realizam consertos em segundos. Os pilotos têm de perceber imediatamente os riscos aos quais estão expostos, tomar decisões e reagir sem piscar os olhos.

Nos três Grandes Prêmios do Brasil realizados antes de 2008, os vencedores levaram para casa troféus banhados de prata, com 57 cm de altura e 3,6 kg. Cada um deles demorava um mês para ser produzido. Na prova mais recente, em novembro passado, o que se viu na pista foi de tirar o fôlego – uma bela corrida, com muita habilidade nos *cockpits* e adrenalina à solta dentro dos carros, nos boxes e nas arquibancadas. Para coroar tudo isso, e premiar os melhores na dobradinha velocidade/tecnologia, um troféu diferente foi entregue desta vez – um símbolo de novos tempos, não apenas na Fórmula 1, mas na vida contemporânea de modo geral. Uma história que merece ser conhecida.

UMA CONVERSA INFORMAL

Tudo começou em uma reunião entre líderes e parceiros da Braskem, um mês antes da corrida. Em um momento de conversa informal, os assuntos “plástico verde” e “GP Brasil de Fórmula 1” foram mencionados juntos na mesma frase. Surgia assim a idéia de a Braskem patrocinar a competição e produzir os troféus, para pilotos e construtores, com plástico verde. Esse material é desenvolvido nos laboratórios da empresa no Pólo Petroquímico de Triunfo (RS) e, por ser feito a partir de etanol de cana-de-açúcar, ambientalmente sustentável, em substituição ao petróleo, foi formalmente reconhecido e tem encontrado grande receptividade. Havia mais, porém: agregou-se a essa idéia a de homenagear o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, às vésperas de seu 101º aniversário.

A Braskem desenvolveu o polímero verde em Triunfo, no Rio Grande do Sul, e projeta produzi-lo em escala industrial em 2011. Mas tem uma fábrica piloto, que foi recrutada de imediato para fornecer duas chapas do material, suficientes para produzir os 15 troféus necessários. Enquanto a equipe da fábrica se organizava, um grupo foi ao escritório de Niemeyer no Rio de Janeiro. A conversa foi breve. Bem-humorado, o arquiteto desenhou a peça em apenas 15 segundos – um círculo aberto, como um volante de Fórmula 1, com uma barra interna que remete aos pilares do Palácio da Alvorada, em Brasília. “A coluna do Alvorada é bem brasileira e é copiada no mundo inteiro”, explicou Niemeyer, autor do projeto do edifício-residência dos presidentes do Brasil.

O passo seguinte foi obter autorização da Federação Internacional de Automobilismo (FIA). Isso feito, e com as medidas definidas, foram formatados os blocos. Esculpi-los, entretanto, era outro desafio. E para enfrentá-lo a Braskem chamou parceiros que tinham em suas fábricas recursos para elaborar moldes com precisão e rapidez (caso do Centro Federal de Educação Tecnológica – Cefet de Sapucaia, na Grande Porto Alegre), serras e centros de usinagem especiais, além de profissionais experientes. Quinze máquinas precisaram sair da linha de produção por 13 horas ininterruptas para realizar o trabalho e concretizar o desenho de Niemeyer – em peças com cerca de 4 kg e altura de meio metro.

EMOÇÃO E SURPRESA

Os troféus ficaram prontos menos de uma semana antes da corrida. Algumas unidades foram expostas ao público assim que começaram os treinos de definição do *grid* de largada. “É motivo de orgulho para uma empresa brasileira apresentar, num evento mundial e de forma pioneira, o resultado de investimentos em tecnologia comprometidos com a sustentabilidade”, afirmou o



[Felipe Massa com o troféu produzido pela Braskem: piloto brasileiro foi o vencedor da corrida]

Líder Empresarial da Braskem, Bernardo Gradin, ao mostrar a peça à imprensa, em São Paulo. “Com este troféu, a Braskem confirma seu compromisso com o desenvolvimento sustentável, com a criatividade e com a vanguarda tecnológica.”

Dessa forma, tanto os 140 convidados da Braskem, como as cerca de 140 mil pessoas que compareceram ao Autódromo de Interlagos, além de outros milhões que viram a prova pela televisão, souberam que o Brasil já era vitorioso antes da largada. Isso pela inovação embutida no prêmio – que não reproduz o logotipo da empresa patrocinadora, como tem sido comum em outras competições. “A arquitetura e a obra de arte devem provocar a emoção, a surpresa. Penso que este troféu tem a marca do inusitado”, afirmou Oscar Niemeyer, por *e-mail*, à *Odebrecht Informa*.

O DUELO ENTRE MASSA E HAMILTON

A corrida, realizada na tarde do dia 2 de novembro, também foi plena de surpresas e emoções. Felipe Massa liderou a prova de ponta a ponta. Mas precisava de mais do que isso para alcançar o título de campeão mundial: era necessário que houvesse cinco carros entre o dele e o do inglês Lewis Hamilton para que a diferença de pontos acumulada na temporada fosse superada.

A distância foi mantida por boa parte da corrida, sobretudo depois da 12ª volta – e tudo indicava que Massa teria o título mundial nas mãos. Hamilton estava fora do grupo dos cinco primeiros colocados. Então uma chuva pesada desabou sobre o autódromo. Os pilotos pararam nos boxes para trocar os pneus. O público emudeceu nas arquibancadas. Na volta final, Hamilton ainda ocupava a sexta colocação. Mas na última curva ele acelerou e tomou o quinto lugar. Assim, após 5.480 km de corrida, o título mundial foi decidido nos 700 metros finais. Massa subiu ao topo do pódio do GP Brasil e foi vice no campeonato de 2008.

As esculturas de Niemeyer, feitas de plástico verde da Braskem, foram entregues a Felipe Massa, ao espanhol Fernando Alonso (segundo colocado) e ao finlandês Kimi Raikkonen (terceiro), além de à Ferrari, vencedora do Campeonato Mundial de Construtores. “Foi a melhor e mais difícil corrida de minha vida”, disse Hamilton em entrevista coletiva logo após a premiação.

Wilson Cataldi, um dos maiores clientes da Braskem, estava na arquibancada com outros convidados da empresa. É motociclista. Tem paixão por carros e comparece ao autódromo para assistir ao GP Brasil há 26 anos. Por duas horas esteve mais ou menos tranqüilo. Chegou a levantar para tomar um lanche. Nas últimas voltas, porém, seus



[Disputa acirrada: GP Brasil teve um dos finais mais emocionantes da história da Fórmula 1]

O GP Brasil em números

- 140 mil pessoas lotaram as arquibancadas de Interlagos para ver de perto a corrida de 2008. Entre elas, 85 mil eram turistas – 12 mil estrangeiros.
- 90% dos apartamentos de hotéis paulistanos permaneceram ocupados durante o fim de semana da prova. Os que trabalham com hotéis, transporte e alimentação faturaram R\$ 230 milhões – 9,52% a mais que no ano anterior.
- 7 mil pessoas (80% mulheres) trabalharam no Autódromo de Interlagos no dia da corrida, cuidando de organização, segurança e limpeza. Calcula-se que o evento tenha gerado outros 3 mil empregos indiretos temporários.
- Cada R\$ 1 investido no GP Brasil resulta em R\$ 3,20 de retorno para a cidade.
- 12 viagens entre Rio de Janeiro e São Paulo é a distância correspondente às 71 voltas percorridas em Interlagos pelos competidores do GP Brasil de Fórmula 1.
- 9 dos 35 GPs realizados no Brasil foram vencidos por brasileiros: Emerson Fittipaldi (1973 e 1974), Carlos Pace (1975), Nelson Piquet (1983 e 1986), Ayrton Senna (1991 e 1993) e Felipe Massa (2006 e 2008).

olhos saltavam ansiosos da pista para a tela de TV instalada à sua frente. Cataldi suou, gritou, enrubescceu. “Nunca sofri tanto numa competição!”

O empresário torcedor lembrou que 2007 também foi uma temporada emocionante, mas que faltava o gostinho de ter um brasileiro com chances de vencer o campeonato. Naquela ocasião, Hamilton, estreante na F-1, chegara ao GP Brasil quatro pontos à frente de seu companheiro na escuderia McLaren, o espanhol Fernando Alonso, bicampeão mundial. Rodou e caiu para a última posição logo no início da corrida. Ao final, Kimi Raikkonen, que largara sete pontos atrás de Hamilton, conquistou o primeiro título de sua carreira. “Foi um grande espetáculo, mas nada comparável ao GP de 2008”, assegura Cataldi.

À sua volta, clientes e parceiros no mundo dos negócios e no gosto pelo esporte concordaram. Deixaram o autódromo satisfeitos, integrados num sentimento de vitória, não apenas pelos títulos de Felipe Massa, mas também pelo troféu, obra de arte ambientalmente correta. No percurso de volta ao hotel, já planejavam reproduzi-la e instalá-la em suas empresas. ◉

A paixão como trilha sonora

Marcelo Cerqueira tem na música uma de suas fontes de inspiração para a vida e o trabalho

TEXTO Danielle Espósito FOTO Elvio Luis

Baiano, engenheiro químico com mais de 20 anos de profissão, Marcelo Cerqueira tem seu tempo dividido entre a família, o trabalho em Alagoas, Bahia e São Paulo – onde estão localizadas as fábricas da Unidade Vinílicos da Braskem, da qual é Diretor Industrial desde setembro de 2008 – e a música.

“Sou casado há 18 anos e tenho três filhas lindas”, responde ao ser perguntado sobre as paixões de sua vida. “Além disso, tenho uma relação muito bonita com a música, ela faz parte da minha vida desde que me entendo por gente e é fonte de inspiração.”

Mesmo com a agenda cheia de compromissos e viagens a trabalho, e com a dedicação ao programa que assumiu recentemente na empresa, onde está desde 1989, Marcelo consegue tempo para viver suas paixões. E procura coisas novas, que lhe tragam boas experiências. Uma das atividades mais marcantes tem sido o contato com as comunidades no entorno das fábricas e com o trabalho de responsabilidade socioambiental conduzido pela Braskem.

O interesse se intensificou quando ele conheceu o grupo de jovens flautistas do Lagoa Viva, programa da Braskem voltado à comunidade alagoana da região do Pontal da Barra, desenvolvido desde 2003. Encantou-se. “Parece que me vi, ainda criança, muito pequeno, assistindo a uma propaganda na televisão na qual um conjunto de meninos tocava flauta”, relembra.

São as voltas da vida, e suas coincidências – para quem acredita nelas. Na infância, Marcelo estudou flauta. Seu interesse pela música foi aumentando, e então veio o violino. Não demorou muito para ingressar em uma orquestra. “Naquela época, eu estava morando no Espírito Santo e viajava pelo menos uma vez por mês para tocar nas cidades do interior do estado. Depois que voltei para Alagoas, continuei me apresentando. Era muito bacana.”

Ao mesmo tempo em que tocava na orquestra e convivía intensamente com a música, Marcelo nutria o objetivo de trabalhar em uma das empresas do Pólo Cloroquímico,



co, que estava em fase de implantação em Alagoas. “Aquela grandiosidade também me encantava, assim como a música. São coisas tão diferentes, a música e a indústria petroquímica, mas, engraçado, me completam.” Formou-se engenheiro e, quando teve a oportunidade de ingressar na indústria alcoolquímica, aproveitou-a sem titubear. “Tomei uma decisão que determinou o que iria acontecer na minha vida profissional dali por diante.”

Apesar de não ter seguido a carreira musical, a paixão e o encantamento pela música permaneceram intactos em sua vida ao longo dos anos. “Sempre que ouço uma orquestra tocando, me emociono. Acho que a música pode nos ajudar muito, sem dúvida me inspirou nas decisões que tomei até hoje e continuará me influenciando nas decisões futuras.” Ele acrescenta: “Acredito também na inclusão social através da música. Torço pelos jovens flautistas do programa Lagoa Viva, os apóio e acompanho. Acho que a música pode ajudar na construção de um futuro melhor para essas meninas e meninos de comunidades carentes, tornando-os empresários, como nos ensina a Tecnologia Empresarial Odebrecht (TEO)”.

Marcelo prossegue no assunto que o fascina, formulando uma hipótese: “Se tivesse de indicar uma música que representa uma verdadeira obra-prima, eu destacaria a Ária na 4ª corda de Bach. É linda e ao mesmo tempo simples. Foi feita para ser tocada em apenas uma das cordas do violino. É a confirmação de que a beleza pode ser construída a partir de coisas simples”.

Marcelo se sente realizado, mas quer mais. “A família, a música e a minha profissão são sonhos que consegui realizar”, afirma. “Mas sempre tive vontade de conhecer todos os continentes. Já tenho inclusive um plano de ação para isso”, revela. Marcelo Cerqueira tem a capacidade de sonhar e a capacidade de realizar. **o**



[Marcela Drehmer: "Em economia e finanças, o imprevisível é um fator que não pode ser desprezado"]

Credibilidade para vencer a turbulência

História da empresa e confiança de bancos e investidores permitem à Braskem realizar com êxito uma importante operação de captação de recursos no mercado internacional

TEXTO **Thereza Martins** FOTOS **Eduardo Beleske**

O ANO DE 2008 COMEÇOU EM CLIMA DE INCERTEZA, com investidores bastante cautelosos, e chegou ao segundo semestre com turbulência nas principais economias internacionais. Nesse cenário de oscilação e insegurança, a Braskem negociava duas operações de financiamento para alongar o empréstimo de US\$ 1.2 bilhão tomado no ano anterior, na aquisição dos ativos petroquímicos do Grupo Ipiranga. Em outros tempos, essa seria uma operação sem grandes dificuldades. Mas todos os indicadores e análises faziam prever que o crédito iria se tornar escasso no mercado, como de fato ocorreu, em meados de outubro. Prevaleceram, porém, o senso de oportunidade e a confiança de grandes bancos internacionais e brasileiros nos fundamentos da Braskem, além da percepção de que aquela aquisição elevou a empresa a um novo patamar de competitividade.

O esforço e a dedicação da equipe financeira da Braskem deram frutos. Em 10 de outubro, a empresa anunciava a captação de US\$ 725 milhões através de 19 bancos de 10 países. Esse montante, somado aos US\$ 500 milhões emitidos em *eurobonds* (títulos de crédito de longo

prazo) no primeiro semestre, é mais que suficiente para refinarçar o empréstimo feito na aquisição da Ipiranga e Copesul, a central de matérias-primas do Pólo de Triunfo (RS). Por essas negociações financeiras, a Braskem recebeu dois prêmios da revista *Latin Finance*, nas categorias *Best Corporate Bond* e melhor empréstimo sindicalizado.

“Além de conseguir captar os recursos desejados, obtivemos boas condições de juros e prazo para pagamento”, diz Marcela Drehmer, Diretora Financeira da Braskem. “Nosso melhor argumento e maior trunfo durante as negociações com os bancos e investidores foi, sempre, o nome e a consistência da história da empresa.”

As duas operações financeiras, ou seja, a emissão de *eurobonds* e o pré-pagamento de exportações (EPP), começaram a ser planejadas no segundo semestre de 2007. Nesse mesmo ano, a Braskem havia contratado um empréstimo de US\$ 1.2 bilhão com os bancos Calyon, Citibank e Santander para comprar, em conjunto com a Petrobras, o controle dos ativos petroquímicos da Ipiranga, envolvendo Ipiranga Petroquímica, Ipiranga Química e participação na Copesul (Companhia Petroquímica do Sul).

O prazo para pagamento desse US\$ 1.2 bilhão era de dois anos e expirava em outubro de 2009. Nos meios financeiros, o tipo de contrato feito entre a Braskem e os três bancos é conhecido como empréstimo-ponte, por suas características: empréstimo de curto prazo, que permite a concretização imediata do negócio – nesse caso, a aquisição – e adicionalmente gera um prazo para a negociação dos financiamentos de longo prazo. Uma vez concluídas as operações de longo prazo, quita-se o empréstimo-ponte com os recursos captados.

“Quando a Braskem obteve o empréstimo-ponte, havia muita liquidez no mercado, e as condições de contrato negociadas pelo nosso colega Michael Machado (então integrante da equipe de Finanças da Braskem e hoje atuando na ETH Bioenergia) foram excelentes”, analisa Marcela Drehmer. “Além disso, o prazo de dois anos foi um avanço significativo quando comparado ao empréstimo-ponte negociado para a compra da Copene, em 2001, que foi de seis meses. Essa estratégia foi fundamental diante da piora substancial do mercado iniciada no segundo semestre de 2007.” Marcela acrescenta: “Em economia e finanças, o imprevisível é um fator que não pode ser desprezado. Por isso, imediatamente após a contratação do empréstimo-ponte começamos a desenhar a estratégia para alongamento do empréstimo inicial. Na ocasião (segundo semestre de 2007), a crise bancária nos Estados Unidos dava os primeiros sinais de ser mais séria e abrangente do que se supunha”.

À ESPERA DO MOMENTO CERTO

A equipe financeira, com o apoio da Controladoria e do Jurídico, preparou a documentação necessária para a emissão de *eurobonds* e passou a monitorar o mercado, à espera da melhor oportunidade para colocar os títulos à venda. As perspectivas eram favoráveis. Havia argumentos de peso para apresentar aos possíveis investidores: o histórico de rápido crescimento da Braskem, o bom desempenho nos negócios e a aquisição dos ativos do Sul contavam pontos. O momento certo, porém, não aparecia. Havia receio e relutância no ar. “Esperávamos que alguma grande empresa lançasse títulos no mercado internacional e que houvesse indícios de interesse por parte dos investidores, mas nada de concreto se materializava”, conta Marcela.

Em dezembro, ela se afastou de seu cargo, em licença-maternidade. Curtiu o nascimento do primeiro filho, Matheus, e voltou a trabalhar em 30 de abril de 2008. Mais um mês de expectativa e, enfim, aconteceu. Os profissionais envolvidos na operação se dividiram em dois times e seguiram para os Estados Unidos e a Europa, a fim de participarem de diversas reuniões com bancos e com representantes de fundos de investimentos e de *private banking*, o segmento especializado em gestão de grandes fortunas.

Nos encontros com os investidores interessados, a Braskem ofereceu seus títulos de crédito, os *eurobonds*. O objetivo inicial era captar US\$ 400 milhões. A demanda para compra foi quatro vezes maior, chegando a US\$ 1.8 bilhão. A oferta da Braskem foi ajustada para US\$ 500 milhões e, por fim, em 31 de maio, a operação foi concluída com sucesso. Entre os investidores, 51% são norte-americanos, 38% europeus e 11% asiáticos.

Foi a maior operação em *bonds* já feita pela empresa e com os menores juros. Em maio, eles estavam a 7,5% ao ano. A Braskem conseguiu fechar os contratos em 7,375%, por um período de 10 anos.

De maio a novembro de 2008, quando este texto foi escrito, muita coisa aconteceu na economia internacional e esses mesmos títulos estavam sendo negociados a 12% em média, no mercado secundário – onde investidores vendem e compram papéis entre si.

UMA BOA HISTÓRIA PARA CONTAR

Encerrada a operação dos *eurobonds*, a equipe de Finanças da Braskem pôde se concentrar no desafio do EPP – Export Prepayment (pré-pagamento de exportação), que corria em paralelo. O objetivo era captar US\$ 725 milhões, como antecipação de exportações futuras.

Em uma situação normal, o cenário econômico internacional não teria mudado entre uma operação e outra, já que elas foram encadeadas. Mas 2008 foi um ano atípico. De um dia para o outro, parecia que o mundo desabava, para logo em seguida dar sinais de que nem tudo estava perdido. Em junho, as condições de mercado já eram ruins e o custo do dinheiro começou a subir.

Para a operação EPP, a Braskem buscou a parceria dos três bancos (Calyon, Citibank e Santander) que, em 2007,

lideraram o empréstimo-ponte para a aquisição do Grupo Ipiranga e, depois, auxiliaram a estruturar a operação dos *eurobonds*. Com eles, a empresa começou a prospectar oportunidades de negócios com outras instituições financeiras. “Temos uma relação de parceria muito forte com esses bancos, o que nos auxiliou bastante durante toda a operação do EPP”, afirma Carlos Fadigas, Vice-Presidente de Finanças e Relações com Investidores da Braskem.

A confiança nasce da transparência com que a Braskem conduz os seus negócios e divulga resultados, da sua capacidade de geração de caixa e do tratamento preferencial que oferece aos parceiros por ocasião de empréstimos, operações de câmbio e outras transações financeiras. “O interessante nessa relação é que, embora parceiros, há momentos em que sentamos em lados opostos”, compara Fadigas. “Enquanto nós defendemos os interesses da Braskem, os bancos querem estruturar uma operação fácil de vender no mercado, com condições favoráveis, juros atraentes e prazos não muito longos.”

Eventuais conflitos de interesse são superados na mesa de negociações, com flexibilidade, respeito, bom senso e argumentos convincentes. Alguns exemplos de argumentos que convencem: em 2002, a Braskem faturava US\$ 3.3 bilhões e em 2007, com cinco anos de existência, passou a faturar US\$ 11 bilhões (nesse período, as exportações cresceram cerca de 35% ao ano); a capacidade de produção é de 2,5 milhões de t/ano de eteno e 3,6 milhões de t/ano de resinas termoplásticas, além de outros produtos; e a participação no mercado brasileiro é de 54% com PVC, 49% com polipropileno e 52% com polietileno.

Outros dados: responsabilidade na aquisição do Grupo Ipiranga, sempre buscando sinergias e, por meio delas, criando valor para a companhia; capacidade de entregar o que promete; empenho na redução de custos. Hoje, com unidades industriais em São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Alagoas, a Braskem é uma das três principais empresas industriais privadas de capital aberto no país. “Quando sentamos à mesa de negociações, temos uma boa história para contar”, assegura Carlos Fadigas.



[Carlos Fadigas: "Quando sentamos à mesa de negociações, temos uma boa história para contar"]

NO OLHO DO FURACÃO

Quando a operação do EPP foi para o mercado, os bancos consultados estavam mais exigentes e inseguros em relação às condições globais. Era preciso encontrar o ponto de equilíbrio para a transação atrair os diversos bancos com condições aceitáveis para eles e, ao mesmo tempo, convenientes para a Braskem.

Em 27 de agosto, a Braskem já havia conseguido o apoio de oito bancos, além dos três iniciais, chamados bancos-líderes da operação. Naquele momento, a operação que nasceu com o valor de US\$ 500 milhões já tinha conseguido um compromisso dos bancos de subscreverem US\$ 550 milhões, garantindo as condições comerciais negociadas – Libor (taxa referencial de juros) mais 175 bps (pontos-base) e prazo de cinco anos. Em setembro, começou a fase de sindicato, na qual foram realizados outros dois encontros com mais de uma centena de pessoas, representando os 50 bancos convidados a ouvir a proposta da Braskem. O primeiro encontro foi em 3 de setembro, em São Paulo, e o segundo logo a seguir, no dia 5, em Nova York. Fruto dessas reuniões, até os últimos dias de setembro continuavam chegando propostas para participação no EPP. Por fim, o contrato foi firmado com mais oito bancos, perfazendo um total de 19 instituições de 10 países.

Terminava setembro, outubro começava. Os dias de crise eram bastante severos. O banco de investimentos Lehman Brothers, o quarto maior dos Estados Unidos, havia anunciado concordata. O Governo norte-americano propunha um megassocorro às instituições financeiras para evitar mais quebraadeiras e o mercado interbancário



estava parado. No olho do furacão, a equipe financeira da Braskem continuava negociando. Com o agravamento da crise, os bancos estavam com dificuldade para precificar a Libor. A empresa precisava evitar uma discussão individualizada com os bancos, o que poderia levar ao risco de ter de iniciar novas negociações e adiar indefinidamente o ingresso de recursos. “Assim, propusemos uma Libor – que no momento estava baixa – diferenciada para os primeiros seis meses, de modo a torná-la mais competitiva e atraente a todos”, relembra Marcela Drehmer.

O encerramento da operação de EPP, no valor de US\$ 725 milhões, foi anunciado em 10 de outubro, com custo de Libor mais 1,75% ao ano, prazo final de cinco anos e carência de três anos. Para os primeiros seis meses da operação foi aprovada uma Libor ajustada de 5,016% ao ano. Segundo Marcela Drehmer, a reta final foi um dos momentos mais tensos da negociação, porque cada dia que passava era um risco, por conta das turbulências globais. “Tínhamos de ser muito precisos. Não podíamos errar e nos arriscar a perder o apoio dos bancos. Tínhamos direito a um único tiro certo.”

O APOIO DOS BANCOS

Em uma transação envolvendo altos valores, como a do EPP, os banqueiros precisam de sólidas garantias para proteger o seu investimento. David Jana, Presidente do Calyon do Brasil, um dos três bancos-líderes que apoiaram a Braskem desde o início da operação, afirma que a análise das empresas tomadoras de recursos é criteriosa. “Em primeiro lugar, os banqueiros olham a governança dessas

empresas, sua posição de mercado, a competitividade em custos, a estratégia de médio e longo prazos e a saúde financeira. É fundamental saber se o fluxo de caixa é folgado para pagar o seu nível de endividamento.”

Foi com esse olhar que o Calyon e os demais bancos analisaram a Braskem antes de fechar negócio. São observados, também, aspectos gerais como a situação do mercado de crédito e o segmento em que a empresa atua, entre outros. Segundo David Jana, o processo da Braskem foi conduzido da maneira mais acertada possível e no momento certo. “Foi um sucesso, tanto pelo tamanho da operação como pelas circunstâncias. Hoje, dadas as condições de mercado, ela seria impossível.”

Essa é, também, a análise de João Teixeira, Vice-Presidente Executivo do Banco Santander. Segundo ele, o alto padrão de governança corporativa da Braskem, sua presidência e diretorias, a liderança de mercado, a qualidade operacional e a tradição em honrar compromissos justificam o sucesso da operação. “Mesmo num momento conturbado, a Braskem conseguiu despertar o apetite de investidores e bancos. É um grande mérito da empresa e dos profissionais que nela trabalham.”

EPP – Bancos participantes

- Bancos-líderes (US\$ 50 milhões cada): Calyon, Citibank e Santander
- Co-líderes (também US\$ 50 milhões cada um): Banco do Brasil, BBVA, ING, Intesa Sanpaolo, Mizuho, Natixis, Sumitomo e Standard Chartered
- Outros bancos (de US\$ 40 milhões a US\$ 10 milhões): DZ Bank, Bradesco, HSBC, KfW, Tokyo-Mitsubishi, EDC, JPMorgan e RBS/ABN

LINHA DO TEMPO

- 2007 – empréstimo-ponte de US\$ 1.2 bilhão para compra do Grupo Ipiranga
- Maio de 2008 – Emissão de US\$ 500 milhões em *eurobonds*
- Outubro de 2008 – Captação de US\$ 725 milhões em operação de pré-pagamento de exportações (EPP) ◉

A Repar cresce e se moderniza

Petrobras constrói oito unidades industriais de forma simultânea na Refinaria Presidente Getúlio Vargas para ampliar sua capacidade produtiva

TEXTO Eliana Simonetti FOTOS Kraw Penas





[Repar: complexo industrial ganhará cinco plantas de gasolina e três de coque em 2010]

Isutomo Sasaki

ESTA É A HISTÓRIA DE UMA OPERAÇÃO INOVADORA, PRODUTIVA E feliz. Sim, é isto mesmo: feliz. Contém todos os ingredientes dos livros de negócios e administração dos tempos modernos. Acontece, em paralelo, no Rio de Janeiro e no Paraná. Estamos falando de um contrato do Conpar, consórcio formado por Odebrecht, OAS e UTC para a modernização e ampliação da capacidade produtiva do maior complexo industrial do sul do país: a Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), da Petrobras, no Paraná. A tarefa do Conpar é construir oito unidades industriais: cinco plantas de gasolina e três de coque (combustível derivado do carvão betuminoso), com realização simultânea do projeto executivo, da construção civil e da montagem industrial. A entrega das obras está prevista para o segundo semestre de 2010. No pico do projeto, o consórcio terá 3.500 integrantes. Pelo que se relatou até aqui, o contrato pode parecer semelhante a muitos outros. Algumas especificidades, porém, fazem dele um caso interessante – e único.

A primeira delas diz respeito à engenharia do projeto. O desafio de construir oito plantas industriais em curto espaço de tempo, com qualidade, levou o Conpar a reunir três empresas de projetos de engenharia e propor-lhes a formação de um outro consórcio, este para projetar as plantas, de forma que houvesse uniformidade conceitual, precisão e rapidez no seu desenho. “O erro no cálculo de uma linha de aço inox de seis polegadas, por exemplo, pode levar à perda de tudo o que se conseguiu em um ano de trabalho, assim como um mês de atraso num único projeto resulta em enorme prejuízo. Pessoas com conhecimento e experiência, trabalhando em conjunto, são um ativo de grande valor, e decidimos investir”, explica João Rochedo, Gerente de Engenharia do Conpar.

A iniciativa foi bem-sucedida. O consórcio PMP, composto das empresas Planave, Mana e Projectus, foi instalado em quatro andares com 700 m² cada um em um prédio no centro do Rio de Janeiro. O Conpar se encarregou de fazer a reforma e de equipar o espaço com os mais modernos computadores e *softwares*. Ali trabalham 266 pessoas, entre elas 19 estagiários. Como não é fácil encontrar tantos engenheiros e arquitetos projetistas experientes disponíveis no mercado, foram contratadas pessoas mais maduras, algumas até aposentadas (os “cabeças-brancas”, como são carinhosamente chamados ali). Cada uma delas trabalha cercada por três ou quatro jovens, que aprendem o ofício com a experiência, no dia-a-dia, e com treinamentos oferecidos uma vez por semana em uma sala especial.



[Obras na refinaria: realização simultânea do projeto executivo, da construção civil e da montagem industrial]

Uma descrição rápida do escritório do PMP: o piso é forrado de carpete, para que o ruído não atrapalhe a concentração dos engenheiros e arquitetos; as divisórias são baixas, para que o ambiente seja claro e arejado; e cada um tem seu computador com duas telas – em uma, faz desenhos automaticamente inseridos numa maquete virtual visível na outra tela e acessível a todos, para que não haja riscos, por exemplo, de alguém projetar um tubo que passe num ponto onde existe uma coluna.

O fluxo de informações é facilitado também pela organização dos setores: quem trabalha com mecânica e metálica fica próximo dos que projetam instrumentação e elétrica; aqueles que cuidam de sistemas de qualidade estão ao lado dos que fazem projetos de engenharia civil e assim por diante. Diariamente todos fazem ginástica laboral e, uma vez por semana, um massagista especializado em *shiatsu* fica à disposição dos engenheiros e arquitetos. Os horários são flexíveis: o almoço tem duração de uma hora e meia, mas cada um decide quando quer sair para a refeição. Os que trabalham ali desenvolvem conhecimentos e amizades. A festa de fim de ano, realizada num sítio na Zona Oeste, refletiu o ambiente de integração e camaradagem do consórcio.

Nova sede da Petrobras em Vitória

A Construtora Norberto Odebrecht, liderando consórcio com a Hochtief e a Camargo Corrêa, está construindo a nova sede da Petrobras em Vitória. Situado na região da Praia do Canto, o conjunto de instalações será formado por duas torres interligadas por um prédio central, um edifício de utilidades, um restaurante e dois blocos destinados à instalação de centros de realidade virtual e de processamento de dados. A área construída total terá 110 mil m².

As torres, de seis andares e quatro pavimentos de garagem, destinadas a escritórios, são de aço e concreto pré-fabricados e moldados no local. São protegidas por cobertura de vidro com controle solar: telas de proteção com microfuros. O projeto, definido em concurso público nacional, é de

autoria dos arquitetos Sidonio Marcio Alves Porto, Marcio Porto e Lucia Porto. Destaca-se pela eficiência energética e pela adoção de sistemas construtivos que evitam desperdício de materiais.

Quando a obra estiver pronta, em fevereiro de 2010, praças ajardinadas com espelhos d'água contarão com áreas de estar e centro de eventos. O Centro de Realidade Virtual terá painéis fotovoltaicos na cobertura, para transformação da radiação do sol em energia a ser armazenada em baterias ou utilizada diretamente. A água da chuva será acumulada em reservatórios, para irrigação; e haverá coletores de energia solar para aquecimento da água do restaurante – construção circular com vista panorâmica para o verde.

APRENDIZADO NO TRABALHO

O mais antigo do grupo é Jaime Leal Maneiros, nascido na Espanha, em 1938, e formado engenheiro pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Casado, com dois filhos e dois netos, ele estava mais ou menos aposentado, trabalhando eventualmente como consultor autônomo, quando foi chamado para compor a equipe que executaria os projetos para o contrato da Repar. Já conhecia a Odebrecht, pois trabalhara em um dos contratos da empresa com a Vale, em Carajás, no Pará. Não titubeou: aceitou a proposta. Após alguns

meses, teve um enfarte e precisou ser submetido a uma cirurgia, mas duas semanas depois estava de volta ao escritório, fazendo cálculos da estrutura metálica da obra. “O trabalho me estimula. A vontade de voltar fez com que eu me recuperasse rapidamente. É muito bom estar aqui, lidar com o estado da arte da tecnologia”, diz Jaime.

Na outra ponta está Ingrid Schwab, arquiteta paraense de 25 anos. Entre outras tarefas, ela foi encarregada de desenhar o totem instalado na entrada do canteiro de obras do Conpar na refinaria da Petrobras. “Fiz

A REPAR EM NÚMEROS

10 KM² de área total.

1,5 MIL trabalhadores em 3 turnos de atividades.

32 MILHÕES de litros de petróleo refinados por dia, equivalentes a 200 mil barris/dia, o que representa 12% da produção nacional.

7% do PIB do Paraná provém da produção da refinaria.

22% dos impostos arrecadados no Paraná são recolhidos pela Repar.

O QUE O CONPAR INSTALARÁ NA REFINARIA

8 plantas industriais (*veja relação a seguir*).

3.600 T de tubulação.

640 equipamentos de médio e grande porte.

7.600 instrumentos para indicação e controle de pressão, temperatura e vazão, entre outros.

850 KM de cabos elétricos e de instrumentação.

UNIDADES INDUSTRIAIS SOB RESPONSABILIDADE DO CONPAR

1 **Unidade de Hidrodessulfurização de Nafta Craqueada:** utiliza o hidrogênio para reduzir o teor de enxofre na nafta craqueada.

2 **Unidade de Hidrotratamento de Nafta de Coque:** utiliza hidrogênio para reduzir enxofre da nafta de coque.

3 **Unidade Fracionadora de Nafta:** ajusta a faixa de destilação da nafta hidrotratada com três finalidades: a fração leve irá compor a nafta petroquímica; a fração pesada será enviada para produção de diesel; e a fração intermediária alimentará a Unidade de Reforma Catalítica.

4 **Unidade de Reforma Catalítica:** gera produto reformado de alta octanagem que irá compor a gasolina e tem como subproduto hidrogênio de alta pureza para as unidades de Nafta de Coque e Nafta Craqueada.

5 **Unidade de Geração de Hidrogênio:** alimentada com gás cessado e/ou nafta da destilação direta, produz hidrogênio com 99,90% de pureza e supre a demanda das unidades de hidrotratamento.

6 **Unidade de Hidrotratamento de Correntes Instáveis:** utiliza hidrogênio para reduzir o enxofre da nafta craqueada.

7 **Unidade de Remoção de H₂S – DEA Gasolina:** remove da gasolina o gás ácido originário do processo de hidrodessulfurização de nafta craqueada e de hidrotratamento de nafta de coque.

8 **Unidade de Remoção de H₂S – DEA Coque:** remove o gás ácido originário do processo de hidrotratamento de correntes instáveis.



nove desenhos antes de chegar ao final. Estou tão feliz aqui que gostaria de não ter de sair jamais”, revela. Ingrid, agora, cuida da maquete virtual – uma habilidade que não aprendeu na faculdade.

De volta ao Paraná. Lá estão outras daquelas especificidades que conferem diferenciais a esse projeto. Nos 10 km² que cercam as instalações da Repar na cidade de Araucária, na região metropolitana de Curitiba, existe um bosque preservado, ao lado de torres (*flares*) de 120 m de altura que lançam chamas e edificações de alvenaria repletas de tubulações. Todo o conjunto é impressionante, mas nada desperta mais a atenção do visitante do que o canteiro de obras do Conpar: um conjunto de instalações modernas e coloridas denominado “Villa do Conpar” – inscrição gravada no totem desenhado por Ingrid Schwab.

DETALHES QUE FAZEM DIFERENÇA

Ali é preciso estar atento aos mínimos detalhes, que foram cuidadosamente planejados. Um exemplo: ao lado de dois hidrantes instalados na calçada do prédio de administração do consórcio, há torneiras e mangueiras para que os trabalhadores possam tirar a lama das botas antes de caminhar pela Villa. A água da chuva, coletada dos telhados, é aproveitada para a rega do jardim e para uso nos sanitários. Nas paredes dos sanitários, cartazes com orientações sobre o uso correto do fio dental, a quantidade de creme dental suficiente para uma boa escovação e economia de água.

O prédio da administração, pintado de vermelho, tem dois andares, telhado translúcido, jardim interno que se integra às mesas de trabalho, rampa que garante fácil acesso ao piso superior, bebedouro com dispositivo



[O restaurante do canteiro: capacidade para atender 3.500 pessoas, o número de trabalhadores no pico das obras]

Mudança interna para dar atenção especial à Petrobras

A Petrobras, o maior cliente da Odebrecht nas áreas de plantas industriais e petróleo e gás, tem projetos de investimento vultosos. Para dar atenção especial à empresa, seu cliente há 55 anos (ou seja, desde a criação da estatal), a Organização Odebrecht promoveu recentemente uma mudança interna. Designou três Diretores-Superintendentes para cuidar especificamente das obras contratadas pela Petrobras: Renato Rodrigues, responsável pelos projetos no Sul e no Sudeste; Saulo Vinícius, para os do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, além das unidades petroquímicas; e Fernando Barbosa, para as obras *offshore* no Brasil.

para economia de copos plásticos. O piso frio e os móveis são claros e de fácil limpeza e manutenção. No programa permanente de coleta de lixo não há apenas locais para depósito de vidro, papel, metais e restos orgânicos, como é comum, mas também de madeira, resíduos não recicláveis e resíduos contaminados.

Além desse prédio, há um para o pessoal da Petrobras encarregado da fiscalização da obra, cuja parede externa é pintada de azul. Auditório e sala de treinamento e capacitação são amarelo-claro. O enorme restaurante, com capacidade para atender 3.500 pessoas, separado da cozinha por um jardim, é claro e ventilado e sua parede externa foi pintada em tom alaranjado. O escritório para apoio e transportes é verde e os vestiários dos trabalhadores são multicoloridos. No centro da Villa do Conpar fica um galpão com mesas e cadeiras, televisor, mesas de jogo de pebolim, pingue-pongue e futebol de botão, para o repouso após o almoço.

“Tudo foi feito para melhor atender ao cliente, e o custo desta obra foi inferior ao da terceirização da construção de um canteiro convencional”, informa Renato Rodrigues, Diretor-Superintendente dos Contratos da Odebrecht com a Petrobras no Sul e Sudeste e que, como Diretor do Contrato até o início de outubro, implementou a novidade.

“Instalações dessa qualidade fazem grande diferença em tudo. O humor e a produtividade aumentam quando as pessoas trabalham satisfeitas e com conforto”, diz Mário Márcio Castrillon Aquino, Gerente Setorial de Contrato e Montagem da Petrobras, que fiscaliza o contrato do Conpar desde o início. Com 1.200 trabalhadores, o Conpar completou 1,5 milhão de homens/horas de exposição ao risco sem um único acidente que exigisse afastamento.

Em outubro, a instalação dos oito *pipe-racks* (estruturas de concreto pré-moldado nas quais a tubulação se apóia) estava em pleno andamento. A fase seguinte é de montagem da tubulação. “Somente com tecnologia avançada e profissionais qualificados, satisfeitos e integrados, atuando num ambiente agradável, é possível executar com precisão e rapidez uma obra deste porte”, destaca Antonio Luiz Costa, que assumiu como Diretor de Contrato em outubro. ○

O BRASIL DE CARA PARA O GOL

TEXTO Leonardo Mourão FOTO Dario de Freitas

Quando deu esta entrevista à Odebrecht Informa, Benedicto Barbosa da Silva Júnior, Vice-Presidente de Infra-Estrutura da Odebrecht Engenharia e Construção no Brasil, ocupava havia apenas dois dias sua sala no Edifício Eldorado Business Tower, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, para onde a empresa acabara de se mudar. Algumas pastas com documentos ainda estavam sobre a mesa, esperando seu destino definitivo. Mas sobre uma prateleira estavam perfeitamente organizados objetos que representam seus 25 anos de empresa: uma dezena de tratores em miniatura que evocam sua trajetória de engenheiro desde a primeira obra, a Barragem do Flores, em Pedreira (MA), até sua passagem pela China, pela Malásia e pelos metrô do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre outros projetos. Também há outra miniatura, a de uma moto BMW 1.200 cilindradas. Com um modelo desse, ele se aventurou, em uma viagem de 7 mil km, pelo Deserto de Atacama, no norte do Chile, há dois anos, com oito amigos. As fotos das duas filhas, Maria Eduarda, de 12 anos, e Maria Fernanda, de 10, estão ao lado de uma sua com a mulher, Ronimar. Nela, Benedicto Júnior ostenta,

orgulhoso, uma camisa do Corinthians. O esporte vem ocupando cada vez mais espaço em sua vida. Foi decisiva sua participação no esforço de construção do Estádio Olímpico João Havelange e de reforma do Maracanã para os Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro. Agora, ele coordena a preparação da Odebrecht para ajudar o país a realizar o sonho de sediar a Copa do Mundo de 2014.

Odebrecht Informa – A Copa do Mundo de 2014 promete transformar o Brasil em um gigantesco canteiro de obras. Muitos estádios terão de ser reformados e outros construídos. A Odebrecht tem um diagnóstico do que terá de ser feito para preparar o país para esse evento?

Benedicto Jr. – Desde o primeiro dia em que se aventou a possibilidade de termos uma Copa do Mundo no Brasil, começamos a acompanhar a situação dos estádios brasileiros. Participamos de um comitê na Abdib (Associação Brasileira de Infra-estrutura e Indústrias de Base) que estuda todas as 18 cidades brasileiras que se candidataram a receber jogos da Copa. Mas, por conta própria, a Odebrecht está centrando seus estudos em algumas cidades que têm maior probabilidade de ser escolhidas. Mobilizamos nosso pessoal nesses lugares, temos de ter essas cidades já bem mapeadas para sermos competitivos no momento em que o Governo decidir onde vão acontecer os jogos.

OI – Já foram escritos artigos e divulgados estudos que mostram que as condições dos estádios brasileiros são muito precárias, quase irre recuperáveis...

Benedicto Jr. – Conhecemos esses estudos. Muitos estádios estão mesmo em mau estado. Só vai dar para fazer a Copa do Mundo aqui porque aqui é o Brasil, e sempre acabamos



conseguindo fazer as coisas; como brasileiros, sempre superamos os desafios que nos são colocados.

OI – Em uma tese de doutorado da USP (Universidade de São Paulo), um arquiteto chegou a sugerir que era mais racional derrubar os estádios e construir outros em vez de tentar recuperar as construções atuais. O que você acha disso?

Benedicto Jr. – A própria CBF (Confederação Brasileira de Futebol) chegou

a defender que o ideal seria derrubar o Maracanã e fazer um novo estádio no local. Isso tem uma lógica de engenharia indiscutível, é muito mais simples fazer algo novo do que reformar o antigo. Mas há aí outra questão a ser considerada: em um país desenvolvido, onde há acesso a recursos fartos e a renda média das pessoas é alta, você sabe que haverá gente disposta a pagar 20, 30 euros (entre R\$ 60 e R\$ 90) para assistir a uma partida de futebol e mais ainda para assistir

a *shows* e outros eventos. Com um retorno assegurado, a iniciativa privada se interessa em bancar um novo estádio. Foi o que sucedeu com o Estádio de Wembley, em Londres, que foi inteiramente posto abaixo e reconstruído. Aqui no Brasil, porém, nosso torcedor não consegue pagar mais de R\$ 10, R\$ 20 por um ingresso. Se demolirmos os estádios, a maior parte deles terá de ser construída com dinheiro público e não pela iniciativa privada. Um estádio não sai por menos de R\$ 500, R\$ 600 milhões. É só fazer as contas: para modernizar/reconstruir 10 estádios, o Governo teria de desembolsar algo como R\$ 5 a R\$ 6 bilhões.

OI – A iniciativa privada então passa a ter um papel importante na manutenção dos estádios de futebol?

Benedicto Jr. – Sem dúvida. E isso porque os estádios não serão mais locais apenas para jogos de futebol. É preciso ter uma construção que seja usada o ano inteiro, por times que joguem 50, 55 partidas por ano e com o complemento de *shows* e outros eventos para os quais os estádios não estão preparados hoje. Já não se constrói um estádio só de concreto, sem pensar. A questão é tecnológica. O estádio atualmente é quase um palco, e para se tornar viável não pode ter só futebol, precisa ter *shows*, eventos culturais. Um lugar no qual se possa levar a família no domingo, almoçar, ir ao *shopping* que estará lá dentro e depois assistir ao jogo de futebol. Virou um negócio e, nesse contexto, a iniciativa privada tem uma importante contribuição a dar.

OI – De que forma a Odebrecht desenvolveu ainda mais a capacidade de planejar e apurar sua tecnologia na construção desse tipo de obra durante os Jogos Pan-Americanos?

Benedicto Jr. – Tivemos uma oportunidade importante nas obras do Maracanã e nas do Estádio Olímpico João Havelange, no Rio de Janeiro, por ocasião dos Jogos Pan-Americanos. Quando faltavam apenas seis meses para findar o prazo de entrega do Estádio Olímpico, fomos procurados pela Prefeitura. A Odebrecht executava as obras de infra-estrutura, instalações, ar-condicionado, automação e cobertura de telhas. O estádio possuía uma estrutura metálica complexa, e depois de 12 meses o consórcio que estava encarregado de erguê-la só havia completado 25% da obra. A Prefeitura encerrou o contrato com esse consórcio e pediu que assumíssemos, em caráter de emergência, a obra toda. Nosso desafio ali era o prazo e a complexidade da estrutura metálica que, como digo sempre, é uma estrutura viva, porque cada vez que você coloca lá 40 mil torcedores e eles torcem, ela literalmente trabalha.

OI – Com circunstâncias tão desfavoráveis assim, por que a Odebrecht aceitou o desafio?

Benedicto Jr. – Se fôssemos pensar friamente como empresários, não aceitaríamos aquele desafio. Estávamos colocando em risco a nossa marca, construída ao longo de 60 anos, em um negócio que sabíamos que tinha um prazo apertado. Não poderíamos mais tarde dizer: “Atrasa o Pan-Americano um mês, porque a obra não vai

“Embora ter bons estádios seja básico, precisamos, acima de tudo, desenvolver a infra-estrutura nas cidades que receberão as seleções”

ficar pronta”. É claro, nossos engenheiros que estavam na obra tinham uma avaliação de que a obra era factível, e o cronograma, atingível; mas não havia folga nenhuma. Se chovesse, teríamos problemas. Os guindastes que estavam ali eram os maiores do Brasil, só eles poderiam levantar aquela estrutura. Se uma peça deles quebrasse teríamos de esperar 15 dias para uma peça nova chegar da Alemanha. Foram seis meses de 24 horas de trabalho e de estresse diário. Mas decidimos assumir a obra porque o país precisava de alguém que tivesse a coragem de assumir esse desafio e superá-lo.

OI – No fim, a obra foi entregue no prazo. Na sua opinião, o que ficou evidenciado com isso?

Benedicto Jr. – O Brasil foi quem passou no teste com louvor. Nós tivemos um papel importante, tanto no Maracanã quanto no Estádio Olímpico. E isso foi reconhecido pelo próprio COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e por outras autoridades envolvidas. Na verdade, o que conseguimos mostrar

é que a engenharia brasileira é diferenciada no mundo. Mas o que é preciso dizer é que, embora ter bons estádios seja algo básico para o sucesso da Copa do Mundo, essa não é a nossa maior necessidade. Precisamos, antes de tudo, desenvolver a infra-estrutura nas cidades que receberão as seleções.

OI – Você acredita que os maiores investimentos serão feitos na infra-estrutura urbana?

Benedicto Jr. – O que eu acredito é que não se pode fazer uma Copa do Mundo sem usar a grande vocação do país, que é o turismo. No momento em que os estrangeiros vêm ao Brasil, temos de mostrar o Brasil para eles. Então é obrigatório escolher alguns lugares que ainda não estão totalmente preparados. Por exemplo, é impossível fazer uma Copa aqui sem marcar jogos no Amazonas – ou em Manaus ou em Belém. Também não se pode deixar de fora o Pantanal, ou seja, Campo Grande ou Cuiabá. O Brasil peca pela falta dessa infra-estrutura turística. No Rio de Janeiro ou em São Paulo, com toda a infra-estrutura hoteleira instalada, ainda há carência de acomodações. Uma cidade como Goiânia, por exemplo, precisa de mais hotéis em condições de receber turistas.

OI – E como essa carência poderá ser enfrentada?

Benedicto Jr. – Os hotéis devem ser construídos pela iniciativa privada, de acordo com um modelo no qual os três níveis de governo ofereçam soluções fiscais e de financiamento para

ajudar os empreendedores do setor a mobilizar recursos. O ponto mais importante, no entanto, é a acessibilidade, que deve ser executada em perfeita harmonia pelos três níveis de governo. Vai demandar provavelmente um PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) de Copa do Mundo para incentivar a construção e ampliação de metrô, a ampliação de linhas de trem, corredores de ônibus para que os torcedores cheguem aos estádios com facilidade. Quando foi feita a Copa do Mundo na Alemanha, era uma facilidade. A Alemanha tem linhas férreas eficientes, aeroportos próximos. Os jornalistas iam de um lado para o outro sem dificuldade. Agora imagine, no Brasil, alguém querer assistir a um jogo hoje no Rio e ir amanhã para Manaus...

OI – Estamos falando de obras de infraestrutura complexas e extensas. Dá tempo de fazer tudo isso em 10 ou 12 cidades até 2014?

Benedicto Jr. – Dá tempo, sim. Para isso é preciso ter um PAC, com o Governo entrando fortemente com a estrutura viária. E este é o negócio principal, no qual a Odebrecht pode fazer a diferença: participar das obras do entorno e de acessibilidade, embora também estejamos bem preparados e habilitados para integrar esse novo movimento que deverá surgir no país, que é o da iniciativa privada se responsabilizar pela construção, modernização, adequação e operação de parte dos estádios.

OI – De que maneira a Odebrecht pretende participar disso?

“Em 2014 vamos ter um grande avanço nas cidades escolhidas como sedes. Essa Copa do Mundo fará uma diferença muito grande para o Brasil”

Benedicto Jr. – Temos uma estratégia definida e estamos estruturando modelos financeiros para, em conjunto com parceiros locais e estrangeiros com *expertise* complementar à nossa, poder participar de forma ativa desse segmento. Junto com os parceiros, examinamos alguns estádios que têm maior potencial de viabilizar a participação privada.

OI – Além da adequação dos estádios já existentes no país, no seu entender onde mais deveriam ser construídos estádios?

Benedicto Jr. – Com certeza São Paulo vai ter um estádio novo. Talvez para o Corinthians. Não é porque eu sou corinthiano, mas é que provavelmente a iniciativa privada vai se mobilizar para criar um estádio para o clube, com o apoio da torcida. No Morumbi, o São Paulo deverá caminhar para uma semiparceria com alguém que queira ter o nome atrelado ao estádio e coloque dinheiro a fundo perdido. Porto Alegre e Salvador também terão estádios novos. A Bahia precisa de um estádio novo também. O restante pre-

cisará ser modernizado, como o Mineirão e o Maracanã. Ninguém vai construir 10 estádios novos.

OI – Já há um consenso de que eventos esportivos internacionais, como Olimpíadas e Copas do Mundo, devem deixar um legado de avanço social nos países-sede. O que ocorreu no caso do Pan-Americano?

Benedicto Jr. – No Pan-Americano, não houve uma integração plena dos interesses municipais, estaduais e federais, e quem perdeu foi a cidade, que teve desperdiçada uma ótima oportunidade de receber um legado de infraestrutura. Deveriam ter sido feitos o metrô até a Barra da Tijuca e corredores de ônibus expressos, o que não aconteceu. Então, no fim, o legado ficou apenas para o esporte. Só a agenda esportiva foi cumprida; não foi gerado um ativo de que o Rio de Janeiro pudesse usufruir permanentemente depois. A cidade ainda pode sonhar, como candidata à Olimpíada de 2016, em recuperar parte do legado não viabilizado pelo Pan-Americano de 2007. Vamos trabalhar e torcer para que os organizadores da candidatura consigam esse feito.

OI – Teríamos algum indício de que na Copa do Mundo de 2014 as coisas poderiam se dar de uma maneira diferente?

Benedicto Jr. – Não tenho dúvida de que em 2014 vamos ter um grande avanço na questão do acesso e do transporte nas cidades escolhidas como sedes. Essa Copa do Mundo fará uma diferença muito grande para o Brasil. O país ficará muito melhor. **O**

Um basta para as "colas"

Linha 1 do Metrô de Los Teques torna mais rápido e seguro o deslocamento entre a região dos Altos Mirandinos e Caracas. Moradores começam a se despedir dos constantes engarrafamentos – as "colas" – da Rodovia Pan-Americana

TEXTO Marco Antonio Antunes

FOTOS Eduardo Barcellos





[Engarrafamento na Rodovia Pan-Americana: cena comum que os moradores dos Altos Mirandinos querem que fique no passado]

A LENTIDÃO DO TRÂNSITO EM CARACAS É COMPARÁVEL À QUE SE verifica nas maiores metrópoles do mundo, como Tóquio, Cidade do México e São Paulo. Situada mais de 800 m acima do nível do mar, a capital da Venezuela foi construída entre montanhas, sendo o El Ávila o monte mais alto, com 2.600 m. Esse é um fator importante para os constantes engarrafamentos que atormentam a vida dos mais de 5 milhões de habitantes da região metropolitana. Há outras causas, porém como o fato histórico de os venezuelanos gostarem de se locomover em seus próprios carros e uma estrutura viária incompatível com o tamanho da frota de veículos. Nas horas de *rush* e em dias chuvosos, percorrer, por exemplo, os 25 km que separam Caracas da cidade de Los Teques pode demorar até três horas pela via Pan-Americana, a única que serve a região.

Entretanto, para uma grande parte dos mais de 600 mil venezuelanos que vivem nos Altos Mirandinos, isso deixou de ser problema, em particular para quem mora na cidade de Los Teques, a capital dessa região, que em novembro do ano passado passou a utilizar a sua primeira linha de metrô. Realizada pelo Consorcio Metro Los Teques, formado pela Odebrecht, a venezuelana Vinccler e a italiana Astaldi, a construção da Linha 1 do Metrô de Los Teques faz parte de um programa global do Governo da Venezuela para solucionar o problema da falta de infra-estrutura viária, sobretudo por meio da implantação de sistemas de transporte de massa, como metrôs e ferrovias.

Estão em andamento também obras de modernização de avenidas e rodovias, como a Pan-Americana, ao longo da qual a Odebrecht executa diversos serviços, como a construção de seis distribuidores e de alguns trechos de vias auxiliares paralelas para ajudar o tráfego a fluir com mais rapidez e segurança.

“Com a Linha 1, já podemos fazer a mesma viagem em menos de 20 minutos”, comemora Jondri Estrada, jovem estudante de Caracas, em visita aos pais, que moram em Los Teques. Com a Linha 2, em construção, praticamente todos os habitantes locais terão esse conforto a partir de dezembro de 2012, quando ela deverá estar totalmente pronta, com seis estações e 12 km de extensão, a maior parte em túneis. A primeira etapa da Linha 2, com duas estações em funcionamento, será concluída no fim de 2010.

O círculo que interligará cinco linhas se completará com a Linha 3, de 17 km, que a Companhia Anônima Metrô Los Teques pretende executar nos próximos anos. Ela ligará a localidade de San Antonio de Los Altos, onde agora será executada a estação final da Linha 2, à Estação de La Rinconada, na zona oeste de Caracas. Hoje, a Linha 1 é a única que chega a Caracas, ligando-se ao metrô



[Jondri Estrada: viagem que podia levar três horas hoje é feita em 20 minutos]

da capital federal através da Estação Las Adjuntas, na zona leste da cidade.

“Já não me preocupam as *colas* (como os venezuelanos chamam as longas filas de engarrafamentos)”, diz Daniela Zambrano, que trabalha como vendedora em uma loja de fogos de artifício em La Guaira, cidade litorânea a 25 km de Caracas. Com o filho no colo, ela gastou pouco mais de 20 minutos para vir de Caracas à Estação Alí Primera, no bairro de El Tambor, em Los Teques. “Antes, chegava a passar até três horas dentro do ônibus. Agora, tenho muito mais tempo para o lazer e para cuidar do filho e da casa.”

Em média, os moradores dos Altos Mirandinos perdiam duas horas, de manhã, para ir ao trabalho e mais duas para voltar para casa pela via Pan-Americana, que foi projetada para 30 mil veículos/dia e hoje é obrigada a suportar 80 mil. Alexis León, que mora em Los Teques e trabalha como coordenador em uma unidade da General Motors em Caracas, diz que por fim livrou-se do estresse que lhe causavam as *colas* antes da inauguração da linha. “Deixo o carro em casa, caminho até a estação e logo chego a Caracas. E pensar que já levei algumas vezes quatro horas para fazer esse mesmo percurso!”

O DESPERTAR PARA VOCAÇÕES

Os municípios que integram os Altos Mirandinos – Guaicaipuro, Carrizal, Salias, San Antonio, San Pedro e San Diego, além de Los Teques – já não podem mais ser considerados cidades-dormitórios, ainda que a maioria (cerca de 75%) de seus habitantes trabalhe ou estude em Caracas. Vários deles, a exemplo de Los Teques, a capital do Estado de Miranda, começam a despertar para sua vocação econômica, com um setor comercial que se consolida rapidamente, o turismo e a indústria.

“Muitos moradores ganham a vida aqui mesmo em Los Teques”, diz Isabel Gimenez, funcionária do Registro Nacional Eleitoral, o órgão responsável pelo cadastramento de eleitores. “Eu mesma só vou a Caracas quando o trabalho me obriga, para passear ou fazer compras. A grande diferença é que tudo agora é bem mais rápido, seguro e confortável. E vai melhorar muito depois que a Odebrecht terminar a Linha 2”, completa.

Sob a responsabilidade do Consorcio Línea II, formado pela Odebrecht e pela Vinccler, a Linha 2, assim como a Linha 1, foi contratada pela Companhia Anônima Metrô Los Teques, controlada pelo Governo do Estado de Miranda (40%), pela Companhia Autônoma Metrô de Caracas (40%) e pela Prefeitura de Guaicaipuro (20%). Será um complemento da Linha 1, a partir da estação final Alí Primera, em Los Teques, até San Antonio, passando por Carrizal e somando mais seis estações.

“A Linha 2 será fundamental para garantir que o sistema não entre em colapso”, explica Marcelo Colavolpe, Diretor de Contrato das obras das linhas 1 e 2, há 20 anos na Odebrecht. Projetada para transportar 12 mil passageiros/dia até o fim de 2008, a Linha 1 já transporta atualmente 50 mil passageiros/dia. Por isso, a C. A. Metrô Los Teques decidiu fazer a Linha 2, ao mesmo tempo em que estuda a construção da Linha 3. Enquanto isso, a Odebrecht executa, para a C. A. Metrô de Caracas, as Linhas 3 e 5 na capital.

Os dois sistemas têm hoje 66,9 km de linhas em funcionamento e cerca de 60 km de linhas projetadas, a maior parte já contratada e em execução. Das que já estão em funcionamento, também foram construídas pela Odebrecht as Linhas 3 e 4 do Metrô de Caracas. O metrô de superfície Guarenas-Guatire, para cargas e passageiros, também na capital, está em construção.



[Túnel da Linha 2 e Daniela Zambrano com o filho: mais tempo para o lazer]

REFERÊNCIA EM OBRAS METROVIÁRIAS

“Nos últimos 10 anos, nossa empresa tornou-se referência na construção de metrô na Venezuela, aprimorando-se constantemente em termos de engenharia e também formando recursos locais nessa especialidade”, diz José Cláudio Dalto, Responsável por Administração e Finanças, com 31 anos de Odebrecht.

A Linha 2, que no momento dá oportunidade de trabalho para 2.500 pessoas e deve gerar mais de 3.300 postos indiretos, terá dois túneis paralelos perfurados por dois equipamentos TBM (Tunnel Boring Machine) do tipo EPB (Earth Pressure Balanced), batizados de Tequeña e Hypolita, conforme a tradição de dar nomes femininos às tuneladoras. Com diâmetro de 5,88 m, cada uma instala 10 anéis de concreto por dia, equivalentes a um avanço diário de 14 m.

“Há inúmeros desafios a enfrentar nessa linha, cujas obras de túneis começam a avançar agora”, diz Danilo Abdanur, Responsável por Produção e Equipamentos, há 25 anos na Odebrecht. Empreendimento tipicamente urbano, o projeto é desenvolvido em meio a tráfego pesado de veículos, pouco espaço para a instalação de canteiros e frentes de serviço, dificuldade para a movimentação de máquinas e materiais, solos de tipos variados e presença de edifícios antigos no caminho da linha. “É um conjunto de dificuldades que nos obriga a trabalhar com cuidado dobrado,



mas os desafios estão sendo superados com a ajuda de máquinas de última geração e de uma equipe experiente e competente, da qual fazem parte muitos venezuelanos”, diz Abdanur.

Essas dificuldades também determinaram a escolha dos TBMs do tipo EPB. “São máquinas preparadas para escavar tanto rochas duras quanto solos moles, os dois tipos de terreno que predominam na região”, explica Wolfgang A. Omischi, canadense nascido na Áustria, há 20 anos na Odebrecht, responsável pela montagem e operação das tuneladoras. “A TBM Tequeña já está ope-

A emoção de integrar uma nova família

Do time de jovens parceiros venezuelanos da Odebrecht na Venezuela, Guarimar Ortiz Ária, engenheira civil de 28 anos, há um ano e meio na empresa, emociona-se ao falar de sua experiência na equipe do Programa Comercial na obra da Linha 2 do Metrô de Los Teques.

“Apesar do pouco tempo em que estou na Odebrecht, já me sinto parte da família”, ela diz. “Minha família também se orgulha de eu estar trabalhando aqui, por tudo o que lhes contei sobre meu aprendizado, a forma de relacionamento das pessoas, o respeito e as oportunidades que são dadas aos mais jovens e a filosofia empresarial, que na prática é uma filosofia de vida.” Ela já fez o curso de Introdução à Cultura Odebrecht, participou do programa Exercendo a Liderança (realizado pela CNO na Venezuela), está cursando inglês e quer aprender português.

Sob a liderança do equatoriano Diego Fernandes, Responsável Comercial na obra da Linha 2, Guarimar é Coordenadora de Orçamentos, tendo no dia-a-dia contato direto com o cliente para

avaliação e aprovação do conteúdo de cada documento. Em sua equipe há outras quatro jovens, duas engenheiras e duas técnicas. Guarimar compreendeu rapidamente a importância da educação pelo trabalho. “A gente aprende depressa, com consistência, e é por isso que acho ser possível assumir responsabilidades cada vez maiores. Essa é a minha meta.”

James Marcano, de 19 anos, técnico em mecânica e estudante de engenharia mecânica, comenta, referindo-se à oportunidade de trabalhar na Odebrecht: “Aqui nos ensinam, em detalhes, o funcionamento dos equipamentos que utilizamos no dia-a-dia”. Integrante do Curso de Capacitação em Funcionamento e Manutenção de Equipamentos, ele tem aprendido na prática coisas que não vê nas salas de aula. “O mais importante é que, depois, tudo pode ser aplicado no trabalho em campo.” Outro técnico em mecânica, aluno do mesmo curso, Yoraco Aguilera, de 18 anos, enfatiza: “A empresa nos oferece as ferramentas necessárias para trabalharmos melhor e nos aprimorarmos mais e mais a cada dia”. ◉

[Jovens parceiros em Los Teques: aprendendo na prática]



Caminho do futuro

BPC constrói rodovia urbana projetada para melhorar a qualidade de vida da população de Lisboa



Arquivo Odebrecht

[Ponte Vasco da Gama, em Lisboa, é uma das obras que a BPC realizou em Portugal]

Foram muitas as obras emblemáticas realizadas, entre elas a Ponte Vasco da Gama, que aparece na foto, desde que a Organização Odebrecht adquiriu a Bento Pedroso Construções (BPC) em Portugal, em 1988. Até o fim de 2009, deverá entregar uma rodovia, com 4 km de extensão, resultado de um investimento de 112 milhões de euros, que estava prometida aos portugueses há 42 anos: o último trecho da Circular Regional Interior de Lisboa (Cril), entre Buraca e Pontinha. Para cumprir as normas ambientais e reduzir o ruído provocado pelo tráfego esperado de mais de 100 mil veículos por dia, serão instaladas barreiras acústicas em todo o trajeto. O pavimento terá uma camada final de betume modificado com alto percentual de borracha, com exceção dos trechos em túnel, devido a questões de seguran-

ça (risco de incêndio). O maior túnel, que ligará Buraca a Portas de Benfica (de 1,5 km de extensão com um trecho de 300 m a céu aberto), é a obra mais complexa do ponto de vista técnico, por atravessar a zona mais densamente povoada, por ter de garantir a suspensão, sobre seu teto, de dois aquedutos centenários de interesse histórico e arqueológico nacional (Aqueduto das Águas Livres e das Francesas) e por atravessar uma via férrea importante (Lisboa-Sintra). Segundo estimativa da Estradas de Portugal, cliente público tutelado pelo Governo e responsável pela coordenação da obra, depois de pronta a Cril redistribuirá e reduzirá em 27% o trânsito nas vias urbanas mais congestionadas de Lisboa e melhorará de forma significativa a vida de 150 mil pessoas que vivem nas vizinhanças da Circular.

Prêmio Odebrecht

Iniciativa estimula contribuições da engenharia para o desenvolvimento sustentável

“Utilização de Recursos e Materiais na Construção” foi o tema do Prêmio Odebrecht – Contribuições da Engenharia para o Desenvolvimento Sustentável 2008, voltado para estudantes de graduação em engenharia do Brasil. O objetivo do prêmio, lançado no início de 2008: estimular a nova geração de engenheiros a pensar em contribuições para o desenvolvimento sustentável do planeta por meio de projetos que aliem desenvolvimento econômico, preservação ambiental e inclusão social. A cerimônia de premiação foi realizada em 4 de novembro, no espaço Rosa Rosarum, em São Paulo. O autor (ou grupo de autores) e o professor orientador de cada um dos cinco projetos vencedores receberam R\$ 20 mil, e foram destinados R\$ 20 mil para sua universidade, totalizando R\$ 60 mil brutos para cada projeto. Durante a solenidade, um *talk show* conduzido pelo jornalista Sidney Rezende teve a participação do Professor Doutor Oreste Marraccini Gonçalves, do Departamento de Engenharia de Construção Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), de Marcelo Takaoka, Presidente da Construtora Y. Takaoka e do Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS) e de Sergio Leão, Responsável por Saúde, Segurança do Trabalho e Meio Ambiente na Odebrecht. Foram con-



[Autores e orientadores dos projetos premiados, com representantes das universidades, nas obras da Linha 4 do Metrô de São Paulo]

cedidas menções honrosas a mais cinco dissertações, que serão publicadas, junto com os cinco projetos vencedores, em um livro comemorativo (a lista está disponível no site www.odebrecht.com/premioodebrecht).

INOVAÇÕES QUE VALEM NOTA

- Desde outubro, os integrantes das unidades da Braskem no Rio Grande do Sul, em São Paulo, em Alagoas e na Bahia têm almoço, jantar, ceia, lanche e desjejum fornecidos pela empresa gaúcha Puras, que levou aos restaurantes seu programa de reeducação alimentar Mais Saúde. Pioneiro no país, o programa tem por objetivo disseminar conceitos e informações sobre nutrição e estimular a cultura da alimentação saudável por meio de informações *online*, vídeos, palestras e outros eventos didáticos.

- As unidades de produção da ETH Bioenergia Conquista do Pontal, no Vale do

Parapanema (SP), Rio Claro Agroindustrial, em Caçu (GO), e Santa Luzia, em Nova Alvorada do Sul (MS), terão, a partir de abril de 2009, transportadores de borracha de tecnologia inovadora. Em vez dos tradicionais roletes, um colchão de ar faz deslizar as correias. O equipamento é montado na metade do tempo do transportador tradicional, reduz em 58% as horas paradas para manutenção e duplica a vida útil das correias. Além disso, economiza 30% no gasto de energia e emite menos poeira. Denominado Aerobelt, foi desenvolvido na África do Sul e patenteadado no continente americano pela indústria brasileira Promac, fornecedora da ETH.

- A cidade de Luanda conquistou o prêmio Prestígio Internacional no 11º Salão Imobiliário de Lisboa. A Odebrecht Angola marcou presença no estande montado na exposição portuguesa e atraiu o interesse de visitantes das áreas de urbanismo, ambiente, arquitetura e compra e venda de imóveis. Em Angola desde 1984, quando foi contratada para construir a Hidrelétrica de Capanda, a Odebrecht tem hoje ampla atuação no país – tanto em termos geográficos (opera em praticamente todas as províncias) quanto setoriais (entre outros, tem investido nos ramos imobiliário, agrícola, de biocombustíveis e de extração).

A praça, o verso e a prosa

Realizada desde 1955 na Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre, Feira do Livro ajuda a formar os leitores do futuro

TEXTO Cláudio Lovato Filho FOTO Eneida Serrano

[A Praça da Alfândega e os estandes da feira: literatura no coração da cidade]

ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO PASSADO, AS ÁGUAS DO GUAÍBA chegavam ali. Havia um cais, com escadaria. Costa do Rio era então o nome da área onde viria a ser instalada a Praça da Alfândega, assim batizada porque bem perto ficava a sede da Alfândega, em uma antiga construção que deixou de existir em 1924. Situada no centro de Porto Alegre, e tendo como um de seus limites a Rua da Praia, a mais famosa da cidade, a Praça da Alfândega, com suas muitas árvores e monumentos, é um daqueles lugares que, mais do que pertencer à cidade, são a própria cidade. Contêm a sua essência.

Poucos locais seriam mais apropriados para ambientar um acontecimento cultural que é um dos maiores motivos de orgulho dos porto-alegrenses: a Feira do Livro. Realizado desde 1955, é o maior evento literário ao ar livre da América Latina. Em 2008, a 54ª edição da feira durou 17 dias, de 31 de outubro a 16 de novembro. Teve a Colômbia e Pernambuco como o país e o estado homenageados, e o escritor gaúcho Charles Kiefer foi o patrono. Como sempre, reuniu autores, editores, livreiros e distribuidores, em uma grande celebração de amor à literatura e de homenagem aos que não abrem mão dele, e bateu novo recorde: foram 167 estandes, 11 a mais do que em 2007. No total, foram vendidos 424.046 livros.

“Este é um evento da sociedade”, diz João Carneiro, Presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, que realiza a feira. “Ele tem a marca da pluralidade e da democracia. É

popular, o acesso do público é gratuito, os expositores têm tratamento igualitário, os espaços são iguais, distribuídos em sorteio. É assim desde o começo da feira.”

Vender livros é importante, sem dúvida, mas o fomento à leitura e a formação de leitores são os principais objetivos. “Aqui”, diz João Carneiro, “muitas vezes as pessoas têm seu primeiro contato com o livro. São os ‘ainda-não-leitores’, como os chamo. Precisamos formar os leitores do futuro.”

Foi esse pensamento que levou os organizadores da Feira do Livro de Porto Alegre a criarem, em 2005, um espaço específico para os livros infantis e infanto-juvenis. A partir daquele ano, a Praça da Alfândega ganhou o reforço do cais do porto, distante dela apenas duas quadras. Ali, no armazém 5, às margens do estuário do Guaíba, crianças e adolescentes, visitando a feira em companhia de seus pais ou em passeios promovidos por suas escolas, têm um espaço só para eles. São os convidados de honra.

Yasmin Fagundes, de 4 anos, poderia se enquadrar perfeitamente na categoria dos “ainda-não-leitores” de João Carneiro. Acompanhada dos pais, Fábio e Elisângela, ela caminhava, fascinada, com seu catavento na mão, entre estandes abarrotados de livros com capas coloridas e animadores fantasiados de palhaço, no último dia da feira. “Somos leitores e queremos estimular o hábito da leitura em nossa filha”, diz Fábio, segurança de banco. Ele e Elisângela costumam levar Yasmin às livrarias durante o ano, mas é na Feira do Livro que essa atividade familiar

tem seu momento especial. “É importante que ela comece cedo”, ressalta Elisângela.

AUTORES E LEITORES SE ENCONTRAM

Yasmin, é o que esperam seus pais, se tornará frequentadora assídua da Feira do Livro e, mais tarde, terá oportunidade de trocar idéias com os autores de alguns livros que lerá. Esta é outra marca da feira: ela aproxima autores e leitores, colocando-os em contato direto. Em 2008, passaram pela Praça da Alfândega, entre muitos outros, o uruguaio Eduardo Galeano, o angolano Pepetela e os brasileiros Ariano Suassuna, Zuenir Ventura, Flávio Moreira da Costa, Sérgio Faraco e Luís Augusto Fischer.

As sessões de autógrafos realizadas diariamente são uma tradição da feira. Entre os autores que lançaram livros durante a 54ª Feira do Livro de Porto Alegre estavam o jornalista José Antônio Severo e o geógrafo Gervásio Rodrigo Neves. Suas obras tiveram a edição patrocinada pela Braskem. Severo escreveu *General Osório e Seu Tempo* (Editora Expressão), no qual detalha a trajetória do militar, considerado por muitos o maior guerreiro brasileiro, percorrendo 100 anos de conflitos sucessivos até a Guerra do Paraguai, em 1870. Gervásio Neves, junto com os geógrafos Heinrich Hasenack e Carmen Machado Franco e a historiadora Liana Bach Martins, produziu *A Natureza na Cartografia Histórica do Rio Grande do Sul – Mapas Histórico-Ambientais do Rio Grande do Sul* (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS).

CAUSOS E MAPAS

José Antônio Severo, autor de outros cinco livros (entre os quais três obras de ficção), recorreu aos muitos causos que ouviu dos mais velhos em sua Caçapava natal, no interior do Rio Grande do Sul, na infância, para produzir seu livro, um romance épico de 848 páginas, escritas em 11 meses, farta e belamente ilustrado. (Logo na abertura, encontra-se a reprodução fotográfica do óleo sobre tela “A Batalha do Avaí”, de Pedro Américo, quadro que faz parte da coleção do Museu Nacional de Belas Artes.) “Caçapava tem grande tradição oral”, relata Severo, “e Osório era um dos principais personagens dessas histórias. As lembranças desses relatos orais foram fundamentais para que eu pudesse reconstituir a época no livro.”



Cláudio Lovato Filho

[A pequena Yasmin com os pais, Fábio e Elisângela: começando cedo]

O resgate da história também acontece na obra de Gervásio Neves, Heinrich Hasenack, Carmen Machado Franco e Liana Bach Martins. “Este livro é o nosso melhor projeto”, afirma Gervásio, Presidente do IHGRGS. “Ele possibilita a recuperação dos mapas antigos do estado e abre infinitas possibilidades de pesquisa. Este livro significa a preservação de uma memória sofisticada.” O livro tem 222 páginas e inclui fragmentos de mapas e a indicação de onde encontrá-los.

O ORGULHO DE CONTRIBUIR

A participação da Braskem na 54ª Feira do Livro de Porto Alegre foi além do patrocínio de livros lançados durante o evento. A empresa foi uma das patrocinadoras da feira. A contribuição da antiga Copesul nessa condição ocorreu ao longo de 14 edições. Em 2008, a Braskem deu continuidade ao relacionamento.

“É um orgulho poder contribuir para a vida cultural gaúcha”, afirma João Freire, Responsável por Relações Institucionais da Braskem no Rio Grande do Sul. “Fazemos isso através de uma série de iniciativas, relacionadas à música, ao teatro, ao pensamento e, também com a Feira do Livro, à literatura. No âmbito da Responsabilidade Social Empresarial, a contribuição à cultura é um aspecto fundamental. É uma forma de a empresa demonstrar que seus valores e os da sociedade são convergentes. É isso o que buscamos transmitir, por exemplo, com a nossa presença na Feira do Livro.”



[Maria Lêda fala de sua obra: contribuição para um novo entendimento sobre as idéias fundadoras do Brasil]

Por trás das palavras de Frei Vicente

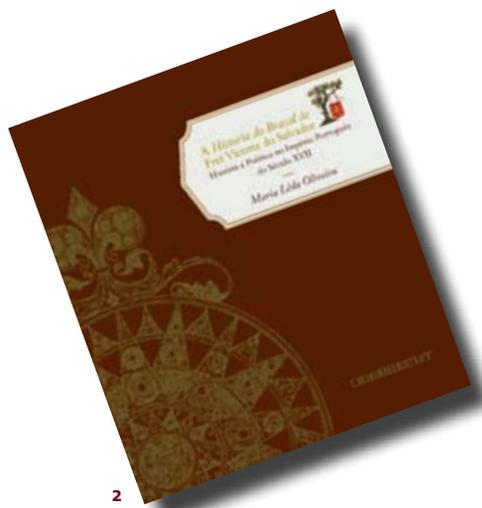
Livro do projeto vencedor do Prêmio Clarival do Prado Valladares traz reedição de um marco da historiografia do Brasil

TEXTO Karolina Gutiez FOTOS Beg Figueiredo

EM 27 DE NOVEMBRO DE 2008, NO PALACETE DAS Artes Rodin, em Salvador, um sonho acalentado ao longo de 11 anos de trabalho e devoção finalmente se realizou: veio a público a versão definitiva de *Historia do Brazil*, o primeiro registro histórico sobre a então colônia portuguesa, escrito entre 1626 e 1630, por Frei Vicente do Salvador. A responsável por isso foi a jovem historiadora Maria Lêda Oliveira Alves da Silva, pernambucana de Batateira, doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa, vencedora, em 2007, da quarta edição do Prêmio Clarival do Prado Valladares, concedido anualmente pela Organização Odebrecht. Com a premiação, aprofundou a pesquisa de doutorado e publicou o livro *A História do Brazil de Frei Vicente do Salvador – História e Política no Império Português do Século XVII*.

A publicação, de 592 páginas, é composta de dois volumes ilustrados – um com a reedição fidedigna da obra de Frei Vicente, considerada um marco na historiografia do país e referência obrigatória para os que pesquisam o Brasil e Portugal dos séculos 16 e 17; e o outro com uma análise da autora sobre o sentido político de *Historia do Brazil* e sua repercussão entre os contemporâneos letrados dos dois países – acompanhados por um DVD com imagens digitalizadas dos códices manuscritos.

“Editar um texto é muito mais do que transcrever as letras antigas; é, e basta estar aberto a isso, tentar compreender o que se encontra escondido por trás das palavras e das frases desse texto. Espero ter conseguido isso”, diz a autora, que expressa o desejo de que a leitura



da obra de Frei Vicente possa se somar a muitas outras no sentido de construir um novo entendimento sobre o passado e as idéias fundadoras do Brasil.

Cerca de 800 pessoas participaram do evento, entre elas Márcio Meirelles, Secretário de Cultura da Bahia, Hans Leusen, Cônsul da Holanda na Bahia, José Carlos Augusto da Silva, Cônsul do Uruguai, João Sabido da Costa, Cônsul de Portugal, Edvaldo Boaventura, Diretor-Geral do jornal *A Tarde* e Presidente da Academia de Letras da Bahia, Sylvia Athayde, Diretora do Museu de Arte da Bahia, e Dom Abade Emanuel D'Able do Amaral, do Mosteiro de São Bento da Bahia. Representando a Organização Odebrecht, estiveram presentes Pedro Novis, Gilberto Sá, Sergio Foguel, Victor Gradin e Luis Villar, membros do Conselho de Administração; Renato Martins, Responsável por Apoio em Desenvolvimento de Oportunidades e Representação; Guilherme Abreu, Secretário do Comitê do Conselho de Administração; Marcos Wilson, Responsável por Relações Institucionais; e Márcio Polidoro, Responsável por Comunicação Empresarial, da Odebrecht S.A. ◉

- [1. Maria Lêda autografa um exemplar
 2. Capa do livro *A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador*
 3. Renato Martins cumprimenta Maria Lêda; ao centro, a professora Consuelo Novais Sampaio, vencedora da primeira edição do Prêmio Clarival do Prado Valladares
 4. Maria Lêda com Pedro Novis (à direita) e Márcio Polidoro]

Núcleo de transformações

ONU e Fundação Odebrecht instalam no Baixo Sul da Bahia o primeiro centro de estudos e treinamentos em zona rural do Nordeste brasileiro com foco em gestão do desenvolvimento

TEXTO Juliana Lopes e Vivian Barbosa FOTOS Almir Bindilatti



[Vista parcial da sede do Núcleo: localização é um importante diferencial]

A BRISA FRIA DO FIM DE TARDE NÃO ULTRAPASSOU BARREIRAS para chegar até aqui. Com o pôr-do-sol, o calor vai embora e as correntes de ar vindas do Oceano Atlântico chegam livres, até esbarrarem no cume da montanha. Aos 680 metros de altitude da Serra da Papuã, no município de Ibirapitanga, nenhuma montanha se sobrepõe. Este é o ponto mais elevado do Baixo Sul da Bahia e se localiza na Área de Proteção Ambiental (APA) do Pratigi. No horizonte, o contraste de luz e sombras reforça a multiplicidade de tons verdejantes. O olhar para mais perto revela a diversidade de espécies florestais.

Esse cenário foi o escolhido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e a Fundação Odebrecht para a instalação do primeiro centro de estudos e treinamentos em zona rural do Nordeste brasileiro com foco em gestão do desenvolvimento. Inaugurado em 28 de outubro, fruto de um investimento de R\$ 1,4 milhão, o Núcleo de Estudos e Práticas em Governança Participativa e Desenvolvimento Comunitário nasce com a missão de identificar, apoiar e disseminar experiências bem-sucedidas nessas duas temáticas, no Brasil e em outros países da América Latina. “A localização é um importante diferencial, pois ajuda a trazer as discussões para o centro da problemática social, econômica e ambiental, onde os modelos são colocados em prática”, explica Rogério Arns, integrante da Fundação Odebrecht e responsável pelo Núcleo.

Em setembro de 2007, o então Diretor da Divisão

para Administração Pública e Gestão do Desenvolvimento (DPADM) da ONU, Guido Bertucci, e o Presidente Executivo da Fundação Odebrecht, Maurício Medeiros, assinaram um memorando de entendimento buscando atender a recomendação das Nações Unidas de integrar esforços em prol da redução da pobreza e da conservação do meio ambiente. “Idealizamos este centro e é com satisfação que vemos o sonho se tornar realidade. O Brasil é um país com muitas oportunidades, mas também desafios. Articular a instalação do Núcleo aqui é obter um retrato global, em um mesmo local”, afirma Bertucci.

Ao citar o Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Baixo Sul da Bahia (DIS Baixo Sul), coordenado pela Fundação Odebrecht, Jose Manuel Sucre, representante da DPADM, destaca que é a primeira vez que as Nações Unidas encontram os objetivos do milênio combinados em uma só iniciativa de uma forma harmônica. “Trabalharemos para fazer essa experiência ser conhecida internacionalmente, levando para o mundo um modelo de como desenvolver o ser humano de modo organizado e sustentável.”

Oscar Motomura, fundador e Presidente da Amanakey, empresa especializada em programas educacionais para executivos, destaca um aspecto importante das iniciativas do DIS Baixo Sul que favorece a experiência da governança participativa: o fortalecimento do espírito da família. “Como a menor célula de uma comunidade, a família é

um excelente local para a prática da governança participativa. Além disso, oferece apoio psicológico e aconselhamento aos seus membros”, ressalta Motomura, que esteve no lançamento do Núcleo.

BIODIVERSIDADE E POTENCIAL TURÍSTICO

A área ocupada pelo Núcleo de Estudos e Práticas vinha sendo desmatada desde a década de 80 para a retirada de madeira, cascalho e areia. A ação foi facilitada por uma estrada de 6 km de extensão, construída em 1973, que liga a BR-101 ao topo da Serra da Papuã. O terreno, hoje propriedade da Fundação Odebrecht, tem um solo rochoso, o que dificulta o crescimento de árvores de raízes profundas e propiciou a formação de uma vegetação gramínea chamada papuã, que deu origem ao nome do local.

Nessa serra, foi instalado o Portal da APA do Pratigi, marco inicial dos 161 mil hectares que compõem a unidade de conservação ambiental. É o ponto de partida para uma viagem pela biodiversidade da Mata Atlântica brasileira em toda a sua essência e vivacidade. Pesquisadores já encontraram, em um único hectare dessa região, cerca de 250 espécies de mariposas e 70 de formigas. “A fertilidade da APA do Pratigi nos leva a reconhecê-la como uma incubadora de soluções para o novo milênio”, diz Rogério Arns.

O aproveitamento do potencial turístico da APA do Pratigi é um dos objetivos de longo prazo para consolidar o desenvolvimento integrado e sustentável da região. A APA é um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica do país, inclui cinco municípios e cerca de 83 mil habitantes. Entre 1970 e 2008, a região perdeu 30 mil hectares de vegetação devido ao desmatamento ocasionado, sobretudo, pela cultura de corte e fogo, praticada pelos pequenos agricultores.

A busca de oportunidades de geração de renda a partir da exploração sustentável dos recursos naturais também é tarefa da comunidade, representada em organizações da sociedade civil de interesse público (Oscips) como a Agir – Associação Guardiã da APA do Pratigi. “É preciso promover mudanças na relação do proprietário com o ecossistema, mostrando que há opções de geração de renda a partir da exploração da floresta em pé. Esse é o primeiro passo para transformar a APA em um destino de turismo

agroecológico”, ressalta Luís Simas, Responsável por Meio Ambiente na Agir.

REGISTRAR PARA APRENDER

Rogério Arns reitera que há muitas experiências sobre governança participativa e desenvolvimento comunitário, mas elas estão dispersas. Por isso, o objetivo inicial do Núcleo é reunir metodologias, instrumentos, informações e especialistas nessa área.

“Apesar de termos casos riquíssimos no Brasil, vivemos mais as experiências do que as registramos. Isso dificulta o entendimento, aprimoramento e reaplicabilidade dos projetos. Por isso, nessa primeira etapa, queremos reconhecer as iniciativas já existentes e disponibilizá-las para o maior número de pessoas possível”, explica. “Ao observar as experiências de desenvolvimento comunitário e governança participativa, notamos a importância de pessoas que ajudam a comunidade a encontrar sua vocação. Por meio do Núcleo também pretendemos formar facilitadores desses processos.”

Segundo Arns, na agenda de desenvolvimento comunitário a resiliência é um dos aspectos mais importantes.



“As pessoas, comunidades e organizações precisam estar preparadas para controlar todos os fatores que influenciam sua capacidade de se desenvolver e se renovar ao longo dos tempos para atingir a sustentabilidade”, ressalta.

Arns salienta ainda a necessidade e o desafio de haver projetos sociais abrangentes, compatíveis com a dimensão continental do Brasil. “Por que em Bangladesh ou na Índia há trabalhos comunitários em escala gigantesca e, na América Latina, contam-se nos dedos as iniciativas de grande impacto? O que barra a expansão dos projetos? É uma das descobertas que pretendemos fazer”, afirma. Outra frente de atuação é a organização de eventos internacionais para trazer ao Brasil seminários que são realizados no exterior. O primeiro deles já ocorreu em dezembro de 2008, com a presença dos especialistas canadenses Joanne Linzey e Dal Brodhead.

COMPLEXO HOTELEIRO

Imersão. Esta palavra resume a experiência que uma estada no Núcleo de Estudos e Práticas em Governança Participativa e Desenvolvimento Comunitário proporciona a seus visitantes. O local foi estruturado para receber especialistas e pesquisadores de todo o mundo interessados em ter um ambiente seguro e confortável para realizar seus trabalhos científicos.

A parte física do Núcleo é formada por um complexo hoteleiro, composto de três bangalôs com 18 suítes e capacidade para até 34 hóspedes, e um restaurante preparado para atender até 90 pessoas, em três turnos. Ao todo, 16 funcionários, moradores da região, cuidam da operacionalização do espaço. Eles foram selecionados a partir de um programa de treinamento gratuito, feito em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Mayara de Jesus, 21 anos, foi uma das 125 pessoas que participaram de cursos nas áreas de Turismo e Hospitalidade, Conservação e Zeladoria, e Segurança Alimentar. “Escolhi a formação de recepcionista e participei de aulas durante um mês. Estava desempregada e abracei com muito empenho essa oportunidade.”

Mayara mora com a família na comunidade de Itamarati, distrito de Ibirapitanga. Seu destaque durante a capacitação garantiu uma vaga no complexo hoteleiro. Hoje, todos os que chegam ao Núcleo de Estudos e Práticas

[Mayara: “Abracei com muito empenho essa oportunidade”]



são recebidos por ela. “Os visitantes vêm de muito longe e me esforço para que levem boas lembranças da nossa região, inclusive o meu sorriso.”

Moisés dos Santos, 19 anos, também foi beneficiado pelo curso. O sonho de ingressar na faculdade, até então impossível pela falta de recursos, agora parece mais próximo. O estudante do último ano do Ensino Médio trabalhava como garçom em um estabelecimento na beira da estrada antes de passar pela formação do Senac. “No dia em que surgia algum cliente, ganhava R\$ 10,00. Se não aparecia ninguém, não recebia.”

Órfão de pai, Moisés divide a casa com o irmão e a mãe aposentada. O dinheiro para pagar o transporte e fazer a inscrição no curso foi cedido por seu antigo patrão. “‘Tem de dar certo’, eu falava pra mim mesmo”, lembra com os olhos marejados de lágrimas. A realização do Programa de Desenvolvimento de Empresários (PDE) da Construtora Norberto Odebrecht, na Serra da Papuã, foi o grande teste de Moisés. “Pessoas de várias partes do mundo, diferentes culturas e idiomas estavam aqui. Busquei agir com atenção e simplicidade e consegui a vaga.” Perguntado sobre os próximos passos, o jovem não hesita em colocar seus estudos e a família como prioridades. “Vou buscar ser alguém para cuidar da minha mãe. Ela lutou por mim. Preciso fazer o mesmo por ela.” ◉

REGISTRO

NOTÍCIAS DA ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT

Shield chega à Estação República

Equipamento utilizado na escavação da maior parte do túnel da Linha 4 - Amarela do Metrô de São Paulo, o Shield EPB (Earth Pressure Balanced), o Megatatzão, chegou em 24 de novembro à Estação República, no centro da cidade. O evento foi acompanhado pelo Governador do Estado de São Paulo, José Serra, e outras autoridades.

A máquina (de 9,5 m de diâmetro e 75 m de comprimento) já escavou 6 km e completará sua missão ao alcançar a Estação da Luz, também na região central, totalizando 7,5 km de túnel perfurados. Recentemente, o

shield completou com sucesso a passagem, a poucos metros, dos edifícios Copan e Itália, construções históricas da cidade, etapa que mereceu especial atenção e que foi concluída sem ter causado nenhum tipo de dano.

A primeira fase do projeto da Linha Amarela, que compreende seis estações, será entregue no começo de 2010. As outras quatro estações, que completam a nova linha, ficarão prontas em 2012. A Linha 4, de 12,8 km de extensão total, está sendo construída pelo Consórcio Via Amarela, formado por Odebrecht, OAS, Queiroz Galvão, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez.

Abu Dhabi inaugura a segunda pista de seu aeroporto

Iniciada em maio de 2006 pela *joint venture* Odebrecht-Al Jaber, a obra da segunda pista do Aeroporto Internacional de Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, foi inaugurada em 12 de outubro. Com 4.100 m de extensão, recebeu certificação do GCAA (General Civil Aviation Authority).

O primeiro avião a pousar na nova pista foi o Airbus A320, da companhia Etihad, mas a nova pista também pode receber o modelo A380, o maior avião comercial do mundo.

Contratada pelo Scadia (Supervision Committee for the Expansion of Abu Dhabi International Airport), órgão governamental responsável pela obra, o projeto compreendeu ainda a execução de duas pistas principais de taxiamento, duas pistas de ligação com as pistas existentes e obras de infra-estrutura aeroportuária.

HOMENAGEM PARA MARCO CRUZ NA REPÚBLICA DOMINICANA

A Primeira-Dama da República Dominicana, Margarita Cedeño de Fernández, entregou a Marco Cruz, Diretor-Superintendente da Odebrecht no país, uma medalha de reconhecimento pelo avanço social e econômico gerado ao país em decorrência da construção do Aqueduto Samaná e dos projetos sociais desenvolvidos pela empresa.

À cerimônia de entrega, realizada no Palácio Nacional, na capital Santo Domingo, estiveram presentes o Presidente da República Dominicana, Leonel Fernández, e o Vice-Presidente, Rafael Alburquerque.

Durante a premiação, a Primeira-Dama ressaltou que mais de 5 mil famílias são beneficiadas pelos projetos da Odebrecht em Samaná.

Outras 25 personalidades e instituições públicas e privadas foram homenageadas por sua contribuição em campanhas educativas e de saúde destinadas a comunidades carentes.

JOSÉ BONIFÁCIO: CIDADÃO HONORÁRIO DE PORTO VELHO

A Câmara dos Vereadores de Porto Velho homenageou em 1º de dezembro o Diretor de Implantação da Usina Santo Antônio, José Bonifácio Pinto Junior, com o título de Cidadão Honorário da capital rondoniense. Segundo o autor da proposta, o vereador Assis Raupp, a homenagem se dá em reconhecimento às ações de desenvolvimento de trabalhadores locais, com os cursos de qualificação profissional oferecidos pela Odebrecht por meio do Programa Acreditar.

Realizada na Câmara dos Vereadores, a solenidade foi prestigiada por líderes políticos e empresariais de Rondônia. Iniciado pela Odebrecht em abril de 2008, o Programa Acreditar já recebeu mais de 12 mil inscrições e permitirá que até 70% da força de trabalho mobilizada para a construção de Santo Antônio seja formada por moradores da região.

Comunidade de Infra-estrutura Portuária se reúne em Lima

A equipe da Odebrecht em Lima foi a anfitriã do segundo encontro da Comunidade de Conhecimento de Transportes - Infra-estrutura Portuária, realizado em outubro com o objetivo de promover a troca de conhecimentos sobre o tema.

Participaram 45 integrantes de diversos países, que compartilharam experiências não apenas sobre obras portuárias, mas também sobre projetos *offshore*, emissários submarinos, pontes e outros empreendimentos que envolvem intervenções marítimas ou fluviais.

Aberto por Jorge Barata, Diretor-Superintendente da Odebrecht no Peru, e Alexander Christiani, Líder da Comunidade de Transportes, o evento contou com 13 apresentações, além de palestras de clientes e consultores externos, como a do Diretor da DP World (empresa dos Emirados Árabes Unidos) Juan Carlos Sahdala, e do Presidente da Empresa Nacional de Portos do Peru (Enapu), Mario Arbulu.

Os participantes, em grupos, concluíram o evento com debates sobre as questões tratadas no encontro, oportunidades de negócios e parcerias estratégicas, e definiram os próximos passos para a consolidação das melhores práticas na área de interesse da comunidade. A atividade de encerramento foi uma visita à obra do Porto de La Pampa Melchorita, ao sul de Lima.

Novo sistema de controle da Receita Federal entra em vigor em janeiro

Em janeiro de 2009, entra em vigor o Sistema Público de Escrituração Digital (Sped). É um novo sistema da Receita Federal para apurar o controle fiscal e tributário, que cruzará informações e declarações dos contribuintes corporativos. O Sped compreende nota fiscal eletrônica, escrituração fiscal digital e escrituração contábil digital.

Em todo o país, cerca de 30 mil estabelecimentos deverão se adequar ao sistema, em função do segmento em que atuam. Na Construtora Norberto Odebrecht (CNO), 24 obras passam a registrar e enviar dados fiscais e contábeis de acordo com as novas regras. Na Braskem, serão 32 estabelecimentos, entre fábricas e centros de distribuição, e na ETH Bioenergia a rotina também mudará.

“As empresas que não estiverem adaptadas ao Sped terão problemas”, afirma Alessandro Tomazela, Líder do Centro de Serviços Compartilhados (CSC), área responsável pelo projeto na CNO. “Quem não se adequar, não conseguirá nem emitir nota fiscal. Além disso,

as empresas que não se adaptarem estarão sujeitas a multas.”

Há meses, Tomazela trabalha com uma equipe de profissionais das áreas fiscais e contábeis da Odebrecht, assessorada pela consultoria PricewaterhouseCoopers, para analisar as diferenças existentes entre os processos de hoje e os previstos pelo Sped. Trabalho semelhante foi desenvolvido na Braskem e na ETH. “São muitos detalhes e deveremos estar atentos a todos eles, porque a partir de janeiro todo dado incorreto no preenchimento das informações vai resultar em auto de infração”, diz Dílson Zanatta, Líder do Programa Fiscal do CSC.

Um exemplo de como funcionará o novo sistema: as informações sobre transporte (município de origem e destino, além da placa do caminhão, com a indicação da unidade federativa) deverão ser informadas documento a documento. Todos os registros de importação e exportação, como DI (declaração de importação), RE (registro de exportação) e

data de averbação também serão obrigatórios, documento a documento.

De um modo geral, foram revistos processos, rotinas contábeis e fiscais. Na Braskem foi necessário revisar e atualizar todo o cadastro de clientes e fornecedores. “Os CNPJs, endereços e bairros devem estar de acordo com os registros da Receita Federal e das secretarias estaduais da Fazenda”, informa André de Araújo, Analista de Sistemas, integrante do grupo que trabalha no projeto Sped.

Na CNO, as informações serão registradas, inicialmente, no MyWebDay e transmitidas *online* para a Receita Federal. A equipe de desenvolvimento do Projeto O₂ (sistema integrado de informação da CNO que entra em operação no segundo trimestre de 2009) já está prevendo as alterações determinadas pelo Sped.

Os novos processos impactam diretamente a rotina das áreas Fiscal, Contábil e de Suprimentos da Odebrecht, com cerca de 150 pessoas.

Revista “IstoÉ Dinheiro” premia Marcelo Odebrecht

Marcelo Odebrecht, Diretor-Presidente da Odebrecht S.A., conquistou o Prêmio Empreendedor do Ano - 2008, da revista *IstoÉ Dinheiro*, da Editora Três, na categoria Infra-Estrutura, por sua participação no processo de crescimento das empresas da Organização Odebrecht no Brasil e no exterior. A cerimônia de premiação foi realizada em São Paulo, no dia 8 de dezembro.

“Nunca o país teve tantas empresas operando em tantos cantos do globo, fazendo aquisições e exportando conhecimento em suas áreas de competência”, escreveu *IstoÉ Dinheiro* na edição especial sobre os

grandes empreendedores nacionais. “Esta foi uma das marcas, por exemplo, da gestão de Marcelo Odebrecht à frente da maior - e hoje a mais globalizada - construtora do país, com quase 100 mil funcionários espalhados pelo mundo”, acrescentou.

Marcelo Odebrecht afirmou que aquela conquista era de todos os integrantes da Organização e manifestou otimismo em relação às possibilidades de o Brasil superar a crise econômica global.

Henrique Meirelles, Presidente do Banco Central, foi eleito Personalidade do Ano pela revista *IstoÉ*.

Destaque em Saúde, Meio Ambiente e Segurança

O desempenho da equipe da Base Macaé no contrato do Ativo Sul da Petrobras deu à Odebrecht Óleo e Gás o Prêmio Ouro de SMS (Segurança, Meio Ambiente e Saúde) - Bacia de Campos, edição 2008.

A Petrobras premia anualmente seus fornecedores de bens e serviços que se destacam em projetos na Bacia de Campos. O objetivo é reconhecer as empresas por seus esforços em segurança, meio ambiente e saúde, e incentivá-las a buscar a melhoria contínua.

José Airton de Lacerda Martins, da Petrobras, Gerente-Geral da Unidade de

Negócio de Exploração e Produção da Bacia de Campos, destacou a importância do prêmio para sua empresa e para parceiras: “O prêmio reflete o esforço das empresas e demonstra que elas compartilham de nossos valores e de nosso objetivo de contribuir para o desenvolvimento do país”. Marcelo Penna, Diretor de Contrato da Base Macaé, e Edney Coutinho, Engenheiro de Segurança e Meio Ambiente, representaram a Odebrecht na cerimônia. Foi a quarta vez que a empresa conquistou o Prêmio Ouro de SMS.

Diversidade no mundo do trabalho

A Manpower, consultoria da área de Recursos Humanos na Argentina, premiou a Odebrecht com o título de Socios em la Inclusión, destinado a empresas que investem em Responsabilidade Social. A Odebrecht foi homenageada por sua participação no projeto “Oportunidades para Todos”, que visa promover a diversidade no mundo de trabalho e proporcionar oportunidades para pessoas com diferentes capacidades.

Mais de 40 empresas foram agraciadas com o prêmio, entre elas multinacionais como Wal Mart, Johnson & Johnson e Hewlett Packard, durante cerimônia ocorrida no dia 27 de novembro, em Buenos Aires.

Presente na Argentina há 20 anos, a Odebrecht executa atualmente os projetos de ampliação dos gasodutos Cammesa e Albanesi, que aumentarão o fornecimento de gás no país dos atuais 120 milhões de m³/dia para 145 milhões de m³/dia.

PRÊMIO NOS ESTADOS UNIDOS

A divisão de Miami do American Institute of Architects (AIA) deu à Odebrecht Construction, Inc, subsidiária da Odebrecht nos Estados Unidos, o prêmio Empreiteira do Ano 2008, durante cerimônia realizada naquela cidade em 22 de novembro. A escolha dos premiados - empresas e personalidades da área de arquitetura e engenharia - é feita anualmente pelo conselho da AIA.

“O prêmio é um reconhecimento àqueles que nos apóiam e demonstram excepcional profissionalismo”, justificou Natividad Soto, Presidente da AIA de Miami e coordenadora da premiação. A Odebrecht foi representada no evento por Alf Neumann, Gustavo Lázaro e Octavio Nuñez, engenheiros de produção das obras de construção e reforma do Terminal Norte do Aeroporto de Miami.

A MAIS ADMIRADA

A 11ª edição da pesquisa CartaCapital/TNS InterScience apontou a Construtora Norberto Odebrecht como a primeira colocada no segmento “Construção Pesada” no *ranking* “As Empresas Mais Admiradas do Brasil - 2008”, publicado em edição especial da revista *CartaCapital*. É a quinta vez que a Odebrecht conquista o primeiro lugar nesse *ranking*.

GESTÃO DA QUALIDADE RECEBE CERTIFICAÇÃO

A obra da Cinta Costera, que a Odebrecht executa desde dezembro de 2007 na Cidade do Panamá, teve seu Programa de Gestão de Qualidade certificado pelo Bureau Veritas Certification (BVC), com reconhecimento do United Kingdom Accreditation System (UKAS).

É um fato inédito para a Odebrecht: a empresa não possuía certificação para contratos EPC (Engineering, Procurement and Construction - Engenharia, Suprimento e Construção) envolvendo urbanização, aterro, sistemas viários, obras de arte, saneamento básico, paisagismo e quebra-mar, como é o caso desse projeto, realizado na Avenida Balboa, a mais importante da capital panamenha, para a melhoria das condições de tráfego na região central da cidade.

“A motivação da equipe liderada pelo Diretor de Contrato Yuri Kertzman para realizar seus serviços em um prazo contratual desafiador (18 meses) e a determinação de utilizar a gestão e o controle da qualidade como ferramenta para mitigar passivos técnicos foram fatores decisivos para a conquista”, afirma Antônio Carlos Pereira, Responsável por Qualidade na Odebrecht.

A Odebrecht começou a atuar no Panamá há quatro anos e hoje já está classificada como uma das maiores empresas de engenharia e construção do país.

TERMINAL AQUAVIÁRIO DE SANTOS: ISO E OHSAS

Em 27 de agosto, a Petrobras homenageou a Construtora Norberto Odebrecht (CNO) pela recertificação nas normas ISO 14001, relativa a Meio Ambiente, e OHSAS 18001, para Saúde e Segurança. Os certificados foram emitidos após auditorias realizadas pelo Bureau Veritas Certification nas obras executadas pela CNO no Terminal Aquaviário de Santos, no litoral de São Paulo.

Comandante do Exército visita projetos no Baixo Sul

A parceria entre o Exército brasileiro e a Fundação Odebrecht vem contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades do Baixo Sul da Bahia desde 2007. Iniciativas como Projeto Rondon e Ação Cívico-Social (Aciso) estão levando cidadania, saúde e bem-estar para os 11 municípios da região.

Em 15 de novembro, o Comandante do Exército, General-de-Exército Enzo Peri, conheceu algumas ações ligadas ao Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Baixo Sul da Bahia (DIS Baixo Sul). “A idéia que move o programa é simples: fixar o jovem no campo. Entendemos, porém, que o processo é muito mais complexo e estamos dispostos a buscar formas de apoiar esta causa”, afirmou.

A comitiva teve como participantes o General Marius Luiz Carvalho Teixeira Neto, Comandante Militar do Nordeste/Recife; o General João Francisco Ferreira, Comandante da 6ª Região Militar; o General Lúcio Mario de Barros Goes, Secretário Geral do Exército; e Aluizio Araujo, Responsável por Apoio ao Desenvolvimento de Oportunidades e Representação na Odebrecht S.A. e Presidente da Fundação Cultural do Exército. Representando a Fundação Odebrecht, acompanharam o grupo Norberto Odebrecht, Presidente do Conselho de Curadores; Maurício Medeiros, Presidente Executivo; Pedro Paulo da Silva, Líder Executivo da Coopatan; e o General Moura Barreto, consultor.

Formatura reúne jovens no Edifício-Sede

Promover um grande encontro de gerações foi a proposta de um evento realizado em 25 de novembro no Edifício-Sede da Odebrecht, em Salvador. A cerimônia de certificação dos projetos Círculos de Leitura, Comunicadores Voluntários e Programa de Desenvolvimento de Jovens Talentos Protagonistas reuniu mais de 60 jovens do Baixo Sul da Bahia e marcou as comemorações pelos 20 anos da decisão da Fundação Odebrecht de ter a juventude como foco de sua atuação.

Os participantes assistiram à palestra de Rubens Ricupero, membro do Conselho de Administração da Odebrecht S.A. e Presidente do Conselho do Instituto Fernand Braudel, “20 anos de transformações: as grandes mudanças e negociações que redesenharam o mundo”. Ricupero destacou os principais desafios que a humanidade já superou e ainda precisa superar para alcançar o desenvolvimento sustentável. “Avançamos nas questões de Direitos Humanos, mas precisamos evoluir na qualidade de nossa educação. É a informação que nos dá a condição de ser livres e crescer”, disse.

Professores e técnicos concluem capacitação

Professores de escolas públicas e técnicos das secretarias municipais de Educação de 10 municípios da região do Baixo Sul da Bahia concluíram o Programa de Capacitação da Associação Educacional Labor. A cerimônia de entrega dos certificados foi realizada no Centro Cultural de Valença, em 27 de novembro.

Fruto de um convênio assinado entre a Associação dos Municípios do Baixo Sul (Amubs), o Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul da Bahia (Ides), a Labor e a Organização Odebrecht, o programa capacitou 212 professores e 25 multiplicadores. A iniciativa teve como objetivo contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, visando a inserção social dos alunos por meio da conquista e do aprimoramento do conhecimento escolar, da cidadania e das competências básicas para a vida moderna. Estima-se que cerca de 10 mil estudantes tenham sido beneficiados.

ODEBRECHT S.A.

SALVADOR - BA (SEDE)
Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
Edifício Odebrecht
41730-900 Salvador, BA - Brasil
Tel. (71) 2105.1111 / 3206.1111
Fax. (71) 2105.1112 / 3206.1112

SÃO PAULO - SP

Av. das Nações Unidas, 8501
32º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3096.8000
Fax. (11) 3096.8500

BRASÍLIA - DF

SAS Qd. 5, BL. N. 9º andar
Edifício OAB
70438-900 Brasília, DF - Brasil
Tel. (61) 3316.2525
Fax. (61) 3316.2555

RIO DE JANEIRO - RJ

Praia de Botafogo, 300
11º andar, Ala A - Botafogo
22250-040
Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Tel. (21) 2559.3000
Fax. (21) 2552.4448

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**

RIO DE JANEIRO - RJ (SEDE)
Praia de Botafogo, 300
11º andar - Botafogo
22250-040
Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Tel. (21) 2559.3000
Fax. (21) 2552.4448

SÃO PAULO - SP

Av. das Nações Unidas, 8501
28º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3096.8000
Fax. (11) 3096.8500

BELO HORIZONTE - MG

Av. Álvares Cabral, 1777
19º andar - Santo Agostinho
30170-001
Belo Horizonte, MG - Brasil
Tel. (31) 3299-6700
Fax. (31) 3299.6775

BRASÍLIA - DF

SAS Qd. 5, BL. N. 9º andar
Edifício OAB
70438-900 Brasília, DF - Brasil
Tel. (61) 3316.2525
Fax. (61) 3316.2555

RECIFE - PE

Rua Antônio Lumack do Monte
128 - 16º andar, sala 1603
Edifício Empresarial
Center III - Boa Viagem
51020-350 Recife, PE - Brasil
Tel. (81) 3464.1200
Fax. (81) 3464.1250

SALVADOR - BA

Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
Edifício Odebrecht
41730-900 Salvador, BA - Brasil
Tel. (71) 2105.1111 / 3206.1111
Fax. (71) 2105.1112 / 3206.1112

ANGOLA

• **ODEBRECHT ANGOLA
PROJECTOS E SERVIÇOS LTDA.
• OSEL - ODEBRECHT SERVIÇOS
NO EXTERIOR LTD.
• ODEBRECHT MINING
SERVICES, INC.**
Parque Empresarial Odebrecht
Av. Eng. Pedro de Castro
Van-Dúnem "Loy", s/nº
Luanda Sul
Luanda - Angola

ARGENTINA

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**
Reconquista 1166, Piso 10
Capital Federal
C.P. C1003ABX
Buenos Aires - Argentina

BOLÍVIA

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**
Av. Arce y Rosendo Gutiérrez
Edifício Multicentro, Torre B,
Piso 6 - Of. 602
La Paz - Bolívia

CHILE

**CONSTRUTORA ODEBRECHT
CHILE S.A.**
Av. Lib. B. O'Higgins 292, Of. 21
Metro U. Católica
CP 6501242
Santiago de Chile - Chile

COLÔMBIA

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT DE COLOMBIA LTDA.**
Avenida 15, nº 100-69, Of. 603
Edifício Vanguardia
Bogotá - Colombia

EMIRADOS ÁRABES UNIDOS

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**
Zayed the 1st Street, Mermaid
Tower, Mezzanine 1 & 2
Khalidiya - P.O. Box 37600
Abu Dhabi
United Arab Emirates

Zomorrodah Building, Block A.

1st floor, Office 15 A
Al Zabeel Road, Al Karama
P.O.Box 114155
Dubai - United Arab Emirates

ESTADOS UNIDOS

ODEBRECHT CONSTRUCTION, INC.
201 Alhambra Circle, Suite 1400
Coral Gables
Florida 33134 - USA

1515 Poydras Street, Suite 1020
New Orleans
Lousiana 70112 - USA

LÍBIA

**ODEBRECHT ENGINEERING
& CONSTRUCTION LTD.**
Trípoli International
Airport - New Terminal Building
Airport Road - P.O.BOX 287
Trípoli - Libya

MÉXICO

• **CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.
• ODEBRECHT INGENIERÍA
Y CONSTRUCCIÓN DE MÉXICO
S. DE R.L. DE C.V.**
Jaime Balmes 8, Piso 6
Colonia Los Morales Polanco
CP 11510
México - D.F.

MOÇAMBIQUE

**OSEL - ODEBRECHT SERVIÇOS
NO EXTERIOR**
Av. 24 de julho 8 - 4º andar sala A
CP 4213
Maputo - Moçambique

PANAMÁ

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**
Punta Pacífica, Torres de las
Américas, Torre B, Piso 6,
Of. 605B - Ciudad de Panamá
República de Panamá

PERU

**ODEBRECHT PERÚ INGENIERÍA
Y CONSTRUCCIÓN S.A.C.**
Av. Victor Andrés Belaúnde,
280, Of. 502 - San Isidro
Lima - Perú

PORTUGAL

**BENTO PEDROSO
CONSTRUÇÕES S.A.**
Quinta da Fonte - Rua Quinta
da Quintã
Edifício D. João I, nº 4,
Piso 1B - 2770-203
Paço de Arcos - Portugal

REPÚBLICA DOMINICANA

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**
Calle Pedro Henríquez Ureña,
nº 152
Edifício Profesional Torre
Diandy, XIX, local 8B, Piso 8
La Esperilla - Distrito Nacional
República Dominicana

VENEZUELA

**CONSTRUTORA NORBERTO
ODEBRECHT S.A.**
Centro Empresarial Torre
Humboldt
Piso 10, Of. 10-13
Av. Rio Caura, Prados del Este
Caracas - Venezuela

BRASKEM S.A.

Av. das Nações Unidas, 8501
24º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3576-9000
Fax. (11) 3576.9532

ODEBRECHT ÓLEO & GÁS

Praia de Botafogo, 300
10º andar - Botafogo
22250-040
Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Tel. (21) 2559.3000
Fax. (21) 2552.4448

ODEBRECHT EMPREENDIMENTOS

IMOBILIÁRIOS
Av. das Nações Unidas, 8501
27º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3096.800
Fax. (11) 3096.8602

ODEBRECHT ENGENHARIA

AMBIENTAL
Av. das Nações Unidas, 8501
31º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3096.8000
Fax. (11) 3096.8001

ODEBRECHT INVESTIMENTOS

EM INFRA-ESTRUTURA LTDA.
Av. das Nações Unidas, 8501
28º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3096.8000
Fax. (11) 3096.8500

ETH BIOENERGIA S.A.

Av. das Nações Unidas, 8501
26º andar
Ed. Eldorado Business Tower
05425-070 São Paulo, SP - Brasil
Tel. (11) 3096.8000
Fax. (11) 3096.8636

OCs - ODEBRECHT

**ADMINISTRADORA E
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.**
Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
Edifício Odebrecht
41730-900 Salvador, BA - Brasil
Tel. (71) 2105.1111 / 3206.1111
Fax. (71) 2105.1112 / 3206.1869

ODEPREV

ODEBRECHT PREVIDÊNCIA
Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
Edifício Odebrecht
41730-900 Salvador, BA - Brasil
Tel. (71) 3206.1656
Fax. (71) 3206.1467

FUNDAÇÃO ODEBRECHT

Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
Edifício Odebrecht
41730-900
Salvador, BA - Brasil
Tel. (71) 3206.1752
Fax. (71) 3206.1668

ODEBRECHT

Fundada em 1944, a Organização Odebrecht atua nas áreas de Engenharia e Construção, de Química e Petroquímica e de Açúcar e Etanol. Seus 87 mil Integrantes estão presentes em países da América do Sul, América Central, América do Norte, África, Europa e Oriente Médio. Desenvolvem ações sociais e culturais nas comunidades em que estão presentes. A atuação de cada um deles tem como referência uma filosofia empresarial própria, nascida e aprimorada na prática. Entre os princípios fundamentais dessa filosofia estão a confiança nas pessoas, a satisfação dos Clientes, a descentralização, a parceria entre os Integrantes, o retorno aos Acionistas e o reinvestimento dos resultados.

www.odebrecht.com.br